



APRESENTAÇÃO

Fernanda Karoline da Silva da CONCEIÇÃO¹

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Lucas Cauã Correa da SILVA²

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Yasmin Luanne Alves COELHO³

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Nesta edição apresentamos o Volume 8, Número 1 da Revista PET Interdisciplinar Conexões de Saberes, intitulado **“Educação, Identidade e Inclusão: Experiências Formativas na Amazônia”**. Esta edição, referente ao ano de 2024 e publicada em julho de 2025, reúne experiências e reflexões que expressam a pluralidade das vivências acadêmicas e sociais de estudantes e comunidades inseridas em diferentes contextos da Região Norte e da Amazônia Legal. Os artigos aqui apresentados fazem parte do XXVII FORPET – Fórum Paraense dos Grupos PET que tratam de temas diversos, mas conectados pelo compromisso com a formação crítica, a inclusão e a valorização dos saberes locais.

Além dos trabalhos oriundos do XXVII FORPET – Fórum Paraense dos Grupos PET, esta edição conta com uma valiosa contribuição: a resenha crítica do artigo **Mediação de leitura: a experiência do “Projeto Circuito de Leitura: Lendo para ser feliz”** das autoras Maria José Aviz do Rosário e Taynan de Moraes Rocha. Este texto, faz parte de um recorte de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que analisa de maneira sensível e fundamentada a relevância da mediação de leitura em contextos populares.

¹ Graduanda em Letras-Língua Portuguesa; Bolsista de Extensão do Programa Conexões de Saberes; Universidade Federal do Pará. E-mail: fkacademico2024@gmail.com

² Graduando em Artes Visuais; Bolsista de Extensão do Programa Conexões de Saberes; Universidade Federal do Pará. E-mail: lucasc2008@gmail.com

³ Graduanda em Licenciatura Integrada; Bolsista de Extensão do Projeto Circuito de Leitura; Universidade Federal do Pará. E-mail: yasminluanne@gmail.com



Mulher, mãe e universitária: Dilemas e possibilidades

Amanda Freitas dos SANTOS (UFPA) e Ana Cláudia de Souza RAMALHO (UFPA).

O trabalho aborda os desafios enfrentados por mães que conciliam a maternidade com a vida acadêmica, destacando como essa experiência, embora naturalizada como parte da existência feminina, é marcada por múltiplos fatores sociais, econômicos, familiares e psicológicos que impactam diretamente sua permanência no Ensino Superior.

Reflexões sobre ser índio ou indígena como elementos do movimento de resistência

Ketlen Lima de Souza Apurinã (UFAC), Ernizia Borges Sereno Kaxinawá (UFAC), Liliane Araújo Maia Puyanawa (UFAC) e Aline Andréia Nicolli (UFAC).

O trabalho propõe uma reflexão sobre os termos “Índio” e “Indígena”, destacando a resistência indígena como força que sustenta o cotidiano e preserva a ancestralidade dos povos originários. A intenção não é estabelecer definições rígidas sobre o que é ser indígena em um país de grande diversidade como o Brasil, mas abrir espaço para questionamentos e novos debates.

Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME): Complexidades e resistências no município de Abaetetuba/PA

Ana Cláudia de Sousa Ramalho (UFPA) e Raiza Vitória Sabóia de Oliveira (UFPA).

O trabalho investiga a vivência do Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME), uma política pública implantada no estado do Pará, com foco no município de Abaetetuba, na região amazônica. A proposta do SOME é garantir o acesso e a permanência de estudantes do campo (filhos e filhas de trabalhadores e trabalhadoras rurais) à educação básica de qualidade, contemplando comunidades ribeirinhas, indígenas, extrativistas e quilombolas.

Para além da teoria: Desafios e aprendizados em física experimental através da medição da aceleração da gravidade utilizando um pêndulo

Lucas Henrique Braga Furtado (UFPA) e Rubens Silva (UFPA)

O trabalho apresenta a reprodução de um experimento para medir a aceleração da gravidade (g), utilizando um pêndulo equipado com sensor de luz infravermelho e Arduino para registrar os períodos de oscilação.

Projeto Jovem Padawan: Integrando novos acadêmicos e fortalecendo a tutoria no curso de engenharia florestal

Anna Marcelly Santos (CARDOSO UFPA), Jhan Lucca Ferreira MARTINS (UFPA), Leonardo Ramos RODRIGUES (UFPA), Layza Eduarda Cutrim GOIS (UFPA) e Marcela Gomes da SILVA (UFPA)

O trabalho apresenta o Projeto Jovem Padawan que foi criado durante a pandemia da



COVID-19 com o objetivo de combater a evasão universitária, promovendo a integração dos calouros ao curso de Engenharia Florestal e ao mercado de trabalho.

Uma proposta de divulgação científica do projeto de extensão “Bio na praça” em um bairro na cidade de Belém-PA: Um relato de experiência

Hérnia Martina Costa NEVES (UFPA), Adrielly da Costa de LIMA (UFPA), Brenda Borges LINS (UFPA), Adrielly Pinheiro LIRA (UFPA) e Luis Carlos Santana da SILVA (UFPA)

O trabalho apresenta o Projeto Bio na Praça que tem como objetivo sensibilizar a comunidade local sobre a biodiversidade amazônica, destacando a importância ecológica das espécies da fauna regional.

XI NORTEPET: Particularidades do planejamento e da execução do evento

Júlia Paiva da SILVA (UFPA), André Gustavo Almeida NEVES (UFPA), João Santos NAHUM (UFPA) e Marcos Ferreira BRABO (UFPA)

O trabalho relata com detalhes o XI Encontro dos Grupos PET da Região Norte (NORTEPET) ocorreu de forma online nos dias 16 e 17 de outubro de 2024, organizado pelos grupos PET Geografia e PET Engenharia de Pesca da UFPA e PET Economia da UNIR, cujo tema foi “Programa de Educação Tutorial: um instrumento de integração dos conhecimentos na Amazônia”.

Projeto de extensão “Melhor idade: Envelhecendo com saúde”: Um relato de experiência sobre a ação de osteoartrite

Bruna Machado GOMES (UFPA), Renilson Castro de BARROS (UFPA), Laís Gabrielly Abreu dos SANTOS (UFPA), Maria Elisa Costa de OLIVEIRA (UFPA).

O artigo relata a atuação de estudantes de farmácia na condução da atividade, que envolveu 12 participantes idosos em sua maioria mulheres. Foram utilizados folders informativos, palestras com slides e uma dinâmica interativa de perguntas “verdadeiro ou falso” para facilitar a compreensão. Também foi aplicado um questionário com dados demográficos e avaliação da atividade.



MULHER, MÃE E UNIVERSITÁRIA: DILEMAS E POSSIBILIDADES

Woman, mother and university student: Dilemma and possibilities

Amanda Freitas do SANTOS¹

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Ana Cláudia de Sousa RAMALHO²

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: A maternidade é um vivenciar inerente à mulher e necessita ser reconhecida como fragmento naturalizado da existência, não obstante, este estágio está constantemente interposto por múltiplos fatores. O cotidiano das mães-estudantes é manifestado por amplos impasses, a sobrecarga é um desses obstáculos com a resultante da evasão de mulheres do Ensino Superior. Pesquisas evidenciam fatores sociais, familiares, econômicos, psicológicos, entre outros, representando os desafios diários para a permanência e o acesso na educação. Assim, torna-se relevante investigar a contextualização que discorre o percurso desse público. Na Universidade Federal do Pará Campus do Tocantins/Cametá-PA (UFPA), foi construído um espaço materno-infantil designado para amparar as acadêmicas e seus/suas filhos/as que vivem no campo. Este estudo tem como objetivo geral, analisar o perfil sociodemográfico, o vivenciar e o experienciar de mães-alunas da UFPA/Cametá-PA. Refere-se a um estudo de corte transversal, do tipo descritivo, com explanações quantitativa e qualitativa. A coleta de dados ocorreu por meio de um questionamento elaborado pelas autoras. Considera-se, portanto, que espaços maternos na academia são elementos de relevância para o exercício da democracia participativa e a inclusão e permanência de mães nestes âmbitos.

PALAVRAS-CHAVE: Mãe; Dilema; Possibilidades.

ABSTRACT: Motherhood is an inherent experience of women and needs to be recognized as a naturalized fragment of existence, however, this stage is constantly interposed by multiple factors. The daily life of student mothers is manifested by broad impasses, overload is one of these obstacles resulting in the evasion of women from Higher Education. Research highlights social, family, economic, psychological factors, among others, representing the daily challenges for remaining in and accessing education. Therefore, it becomes relevant to investigate the contextualization that covers the journey of this public. At the Federal University of Pará Campus of Tocantins/Cametá-PA (UFPA), a maternal and child space was built designed to support academics and their children who live in the countryside. This study has the general objective of analyzing the sociodemographic profile, the experience of mothers-students at UFPA/Cametá-PA. It refers to a cross-sectional, descriptive study, with quantitative and

¹ Graduanda de Licenciatura em História; Voluntária do Programa de apoio às estudantes mães do curso de Educação do Campo (PROAME) do Programa De Extensão Inclusiva Avançada – Proexia do Baixo Tocantins; Universidade Federal do Pará. Email: amandafdosantos31@gmail.com

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia; Bolsista do Programa de apoio às estudantes mães do curso de Educação do Campo (PROAME) do Programa De Extensão Inclusiva Avançada - PROEXIA do Baixo Tocantins; Universidade Federal do Pará. Email: anarramalho2@gmail.com



qualitative explanations. Data collection occurred through a question prepared by the authors. It is therefore considered that maternal spaces in academia are relevant elements for the exercise of participatory democracy and the inclusion and permanence of mothers in these areas. Resumo em inglês ou na segunda língua de escolha do/s autor/es.

KEYWORDS: Mothering; Higher Education; Dilemma.

Introdução

As mulheres têm muito a dizer sobre suas próprias vivências, experiências e potencialidades; e infelizmente ao longo dos anos as mulheres foram silenciadas na história e da história, o que ainda impacta na produção científica, literária e historiográfica. As mulheres têm muito a dizer sobre suas próprias vivências, experiências e potencialidades; e infelizmente ao longo dos anos as mulheres foram silenciadas na história e da história, o que ainda impacta na produção científica, literária e historiográfica. Mesmo frente aos avanços que o feminismo galgou, reconhece-se que ainda há desafios grandes no enfrentamento à violência, na garantia de direitos, mas também no que diz respeito à condição de profissionalização e o reconhecimento da mulher nos espaços acadêmicos. (Guedes; Passos, p. 168. 2022).

Ser mulher é uma construção social que se desenvolve através das interações com outros, das experiências vivenciadas ao longo da vida, e varia conforme os contextos sociais, como comunidades e grupos. A posição que cada pessoa ocupa depende dos valores e normas associados às concepções de feminino e masculino (Beauvoir, 1980; Scott, 1995, 1998; Matos, 2008).

Segundo dados do INEP, do Censo da Educação Superior, que são referentes ao ano de 2017, as mulheres são 55% de estudantes ingressantes, 57% de matriculados e 61% de estudantes formados nos cursos de graduação. Já na licenciatura, elas representam 70,6% de matrículas (INEP, 2017). Apesar da representatividade desse público nas universidades, as mulheres ainda têm de lidar com o preconceito acerca do gênero, diferente dos homens, que mesmo sendo casados e com filhos, tendem a se ascenderem mais rapidamente em comparação com o sexo oposto (Urpia; Sampaio, 2011).

Matos e Borelli (2012) ressaltam que a educação feminina é vista como fundamental para a independência das mulheres. De acordo com Rieger e Jesus (2011, p.168) “as mulheres buscam na escola mais do que conteúdos prontos a serem



reproduzidos, como cidadãs, elas querem se sentir ativas e participativas e algumas sonham em conseguir frequentar uma faculdade”.

A pesquisa do perfil sociodemográfico, das vivências das mães acadêmicas da UFPA/Cametá-PA é fulcral, não apenas por sua relevância educacional, mas por sua significância de cunho social. Mães que optam em conciliar o trajeto acadêmico com o maternal, enfrentam dificuldades desde as questões práticas de organização da rotina à aspectos emocionais.

É indubitável compreender as particularidades femininas, suas histórias e os processos que transpassam suas vidas acadêmicas e familiares. A erudição, não apenas potencializa os campos de estudos, mas pode contribuir para a edificação de políticas públicas e práticas institucionais inclusivas e acessíveis às demandas específicas das mães-universitárias. Nesse viés, estas observações buscam visibilizar as realidades multifacetadas dessas mulheres, desafios e contribuições para a academia e para a massa em geral.

1. Objetivos

Identificar os fundamentos que atuam na abdicação academicista de mães-universitárias é primordial para erguer múltiplas indagações, possibilitando oportunidades de evoluções no ingresso às universidades; Designar atividades de intervenção que serão observadas no progresso da edificação da sapiência concernente à ocorrência das mães-universitárias no Campus de Cametá; Realizar debates a respeito do conteúdo acometido; Ofertar formatação de politização corporativa estudantil; Estimular a elaboração de políticas adequadas para a construção de um âmbito progressista; Desenvolver rodas de conversas e ouvidorias para escutar essas mulheres; Sugerir melhorias constantes nos projetos/programas de amparo diário na universidade de acolhimento das mães e filhos/as.

2. Metodologia

O estudo refere-se a uma pesquisa de campo de cunho descritivo, com abordagem quantitativa e qualitativa. Segundo Lakatos (p.183), “não é mera repetição



do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

A pesquisa foi desenvolvida no Campus do Baixo Tocantins da Universidade Federal do Pará, localizada no município de Cametá, cidade interiorana. Com o intuito de demonstrar o entendimento acerca da realidade de mães-discentes na Universidade Federal do Pará (UFPA), pontuo um pouco sobre a história do Campus. O CUNTINS/Cametá foi inicialmente instalado, em 1987, nas dependências da Escola Municipal de 1º grau “Maria Cordeiro de Castro”, que foi posteriormente doada à UFPA, por meio da lei municipal nº 1.207, de 27 de março de 1991.

O CUNTINS/Cametá, articulando com essa política, tem enviado esforços para, meio de atividades de ensino, pesquisa e extensão, ampliar sua ação e seu campo de abrangência na região, o que lhe vem requerendo, haja vista as peculiaridades, as potencialidades e o contexto sócio-histórico-econômico-político cultural e educacional da região de Integração do Rio Tocantins, maior contribuição, atuação, envolvimento, participação, orientação e conhecimentos capazes de propor, contribuir, indicar soluções, diretrizes e direcionamentos para o estabelecimento de políticas públicas voltadas à melhoria da região.

O estudo ocorreu por meio de observações com mulheres-discentes e os/as/seus/suas filhos/as acerca dos desafios formativos de seu cotidiano escolar, a partir do Programa de Apoio às Estudantes Mães (PROAME) discorre de um programa campesino em busca do acesso e permanência. O planejamento foi direcionado, principalmente, para o curso de Educação do Campo composto por discentes oriundos(as) de diferentes zonas rurais, ou de outras localidades longínquas da sede de funcionamento do curso, que é executado no período Intensivo, nos turnos matutino e vespertino.

As mães necessitam assistir às aulas e de amparo, para tanto, mães com crianças de até sete anos de idade utilizam o espaço acolhedor com os seus, localizado no campus. A equipe técnica é composta pela Faculdade de Educação do Campo (FECAMPO), Divisão de Inclusão do CUNTINS (DIE), PROEXIA do Baixo Tocantins, Programa de Apoio às Estudantes Mães (PROAME) e Espaço Materno Infantil (EMI).



3. Resultados e discussões

Para a coleta de dados, utilizou-se de uma entrevista semiestruturada que, segundo Minayo (2008) é compreendida como aquela que possibilita, a partir de questões norteadoras embasadas no contexto teórico da pesquisa, que o entrevistado expresse seu pensamento, vivências, sentidos e significados construídos a partir da experiência, participando ativamente no processo da pesquisa (Triviños, 1995; Minayo, 2012).

O roteiro temático abordou questões acerca das trajetórias acadêmicas no maternal e a contribuição do espaço materno-infantil, diante disto, é permitido a visualização dos fatores que influenciam na permanência universitária destas mães, e os obstáculos no cotidiano acadêmico que as mulheres com filhos/as entre 0 e 9 anos de idade enfrentam ao longo de sua graduação. A coleta de dados se deu com entrevistadas de localidades distintas e uma do CUNTINS/Cametá, elas discorrem da sua realidade acadêmica.

A entrevistada designada como A, Fabiana Borges, originária do município de Cametá, delineia os obstáculos enfrentados em sua trajetória de permanência no contexto institucional. Em suas declarações, destaca a ausência de uma rede de apoio, o que a levava a introduzir sua criança na sala de aula, caracterizando assim um ambiente de vulnerabilidade. Ademais, ressalta a falta de suporte familiar para o cuidado da criança, revelando ter considerado a interrupção de seus estudos devido à dificuldade em conciliar suas responsabilidades parentais com as demandas acadêmicas. Ela ainda menciona sua condição de órfã como um fator agravante. Contudo, salienta que a emergência de um espaço de suporte foi fundamental para sua continuidade no curso universitário.

A entrevistada B, Joice Dandara, egressa do município de Mocajuba do curso de Educação do Campo, relata a sua expectativa e a contribuição do espaço, “eu vi pela internet [...] eu já sabia que o espaço seria muito necessário e muito importante, a alegria de ver aquele espaço sendo inaugurado[...] eu já sabia que eu iria precisar desse espaço, porque vivemos na universidade[...] vi como uma oportunidade de segurança para disputar a vaga no mestrado[...] é um apoio necessário para continuar no espaço acadêmico”.

A entrevistada designada como B, Joice Dandara, proveniente do município de



Mocajuba é graduada no curso de Educação do Campo, relata suas expectativas e a relevância do espaço institucional. Expressa ter adquirido conhecimento sobre o referido espaço por meio da internet e já antecipava sua importância e necessidade. A satisfação ao presenciar a inauguração do espaço foi mencionada como marcante, evidenciando sua percepção prévia da sua utilidade.

Joice Dandara percebeu o espaço como uma oportunidade crucial para garantir segurança em sua jornada acadêmica, especialmente no que concerne à disputa por uma vaga no programa de mestrado. Destaca, assim, a imprescindibilidade desse suporte para sua continuidade e sucesso no ambiente acadêmico.

A primeira entrevistada descreve as dificuldades que encontra e que encontrou no seu percurso. Os desafios e as cobranças da maternidade se a conciliação diária com a universidade encontra inúmeros desafios. A vivência de ser mãe transfaz a mulher nos âmbitos psicológico, mental e físico. O cotidiano, estilo de vida, e cobrança perante a sociedade, são fatores que influenciam sua vida.

Entender as estudantes-mães, e todo contexto em que vivem, auxiliaria na elaboração de um ambiente acadêmico mais confortável de modo que elas sejam atendidas conforme suas necessidades e singularidades. Estudar a mulher-mãe na sua faculdade, para então poder elaborar um plano acadêmico que melhor se adeque, é um grande desafio, pois há a necessidade de humanizar as ações dentro do processo burocrático na academia.

As outras entrevistadas constataam a importância do espaço em suas vidas e quão foi necessário na construção da luta do materno da estudante-mãe, garantindo a permanência e logo a emancipação destas. No atendimento da demanda das universitárias que são mães, há uma prioridade, pois, com o apoio da comunidade universitária, ocorre a erradicação gradual da responsabilidade que a sociedade deposita na mulher.

Conclusão

Precisamente, observou-se que, para a melhoria do âmbito acadêmico e igualitário, é urgente um lugar inclusivo de apoio, encontros são fundamentais para criar e potencializar planejamentos educacionais propícios para estes filhos(as), rodas de conversas para a conscientização da/na comunidade universitária, abranger a ampliação



de prazos para a entrega de trabalhos, atendimento domiciliar, dentre outras ações. Possuindo a facilitação de um viver, além de ser benéfico e construtivo a readaptação das mães estudantes.

É essencial que obtenha discussões a respeito da realidade de ser mãe-estudante no ambiente acadêmico, instigando diálogos e reflexões sobre a temática. Ademais, é fulcral conduzir empenhos para colocar em prática políticas públicas e institucionais que favoreçam essa experiência, garantindo o acesso igualitário e a permanência de mães-universitárias na educação superior. O PROAME, construiu a rede de apoio que mudou vários cotidianos, garantindo o acolhimento, no entanto, este programa está no processo de aprimoramento diário.

Sendo assim, o Estado, os docentes e a gestão, devem elaborar um currículo voltado à necessidade das mulheres da/na universidade, visando aproximar a realidade do seu mundo ao ambiente escolar buscando a emancipação dessas mulheres pois, como Davis (2018) enfatiza, a liberdade é uma luta constante.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

GUEDES, R.S; PASSOS, D. O. R. A Presença das Mulheres na História da Educação no Brasil. **Revista Teias**. v.23; n. 70. 2022.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Texeira – INEP. [Gov.com](http://gov.com). Disponível

em:

<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/c_e_nso-da-educacao-superior/resultados> acesso em: 30 out. 2024

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, p. 126-147, 2012.

MATOS, Vanessa Cristina Santos. **Uma análise sobre participação política (ações afirmativas) e cidadania feminina**. **Antíteses**, v. 9, p. 171-178, 2008.

RAMALHO, A. C. S; CALDAS, I. F; SANTOS, A. F. O desenvolvimento profissional e o empoderamento de mães universitárias no CUNTINS/PA. Livro **Os feminismos afro-indígenas da Pan-Amazônia**; p. 42-49. ed. IEPA. 2024.

RIBEIRO, Flavia Gripp. **Mães estudantes: desafios da maternidade e da permanência na Universidade enfrentados pelas alunas do Curso de Serviço Social da UnB**. 2017.



RIEGER, M. JESUS, I. A. Educação de Jovens e Adultos: o retorno das mulheres à escola. **Revista Eventos Pedagógicos**, v. 2, n.2, p. 161-170, ago./dez. 2011.

SCOTT, Joan. **O Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade**. v.20, n.2, julho/dezembro 1995.

Unidade Regional/Campus do Tocantins/Cametá-UFPA. **Histórico do Campus**. Conheça Um Pouco Da História Do Campus Universitário Do Tocantins/Cametá Da UFPa. 2013. Disponível em: <<https://campuscameta.ufpa.br/index.php/historico>> acesso em: 30 out. 2024.

URPIA, Amo., and SAMPAIO, SMR. **Mães e universitárias: Transitando para a vida adulta**. In: SAMPAIO, SMR., org. Observatório da vida estudantil: primeiros estudos [online]. Salvador: EDUFBA, PP. 145-168, 2011.



Reflexões sobre ser índio ou indígena como elementos do movimento de resistência

Reflections on being Indian or indigenous as elements of the resistance movement

Ketlen Lima de Souza APURINÃ¹

Universidade federal do Acre (UFAC)

Ernizia Borges Sereno KAXINAWÁ.²

Universidade federal do Acre (UFAC)

Liliane Araújo Maia PUYANAWA³

Universidade federal do Acre (UFAC)

Aline Andréia NICOLLI.⁴

Universidade federal do Acre (UFAC)

RESUMO: Este trabalho problematiza o uso dos termos “Índio” e “Indígena” e se propõe a enfatizar alguns aspectos da resistência indígena como produtora do cotidiano e mantenedora da ancestralidade indígena. Em relação à problematização dos termos, importa indicar que não temos a intenção de cristalizar ou ditar uma regra sobre o que vem a ser uma pessoa indígena num contexto tão diverso como o brasileiro, mas lançar algumas questões para reflexão e abertura de outros debates. Para isso, registramos que nossas reflexões emergiram devido à encruzilhada das realidades vividas pelas(os) estudantes indígenas do Grupo PET Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, da Universidade Federal do Acre. Dessa forma, o que se apresenta, ao longo do presente texto, é resultado de um exercício completamente experimental e, por isso, caracteriza-se como uma fala e uma escrita situadas em um lugar e um tempo específicos. Uma fala e uma escrita sobre o que é ser indígena a partir da experiência de estar

¹Bacharel em psicologia, Universidade Federal do Acre (UFAC), centro de filosofia e ciências humanas, Rio Branco/AC. E-mail: ketlima17@gmail.com.

²Bacharel em Ciências Econômicas, Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco/AC. E-mail: ernizia2910@gmail.com.

³Bacharel em História, Universidade federal do Acre (UFAC), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Rio Branco/AC. E-mail: liliane.puyanawa@gmail.com.

⁴Tutora PET conexões de saberes. Doutora em Educação pela UFMG, Universidade Federal do Acre (UFAC), Centro de Educação, Letras e Artes, Rio Branco/AC. E-mail: anicolli@gmail.com.



nos mundos (ou no mundo) atravessada pelas histórias, culturas e linguagens, entre outras tantas coisas que não são, de forma alguma, fixas. Ao contrário, tudo está em movimento e tudo é datado. Por isso, não se trata de uma fala ou de um texto de impacto, mas do resultado de um processo de autorreconhecimento, que implica a ressignificação de um pertencimento étnico, primeiro de forma individual e, depois, coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Indígena. Índio. Resistência.

ABSTRACT: This paper problematizes the use of the terms “Indian” and “Indigenous” and aims to emphasize some aspects of indigenous resistance as a producer of daily life and maintainer of indigenous ancestry. Regarding the problematization of the terms, it is important to point out that our intention is not to crystallize or dictate a rule about what an indigenous person is in a context as diverse as Brazil, but to raise some questions for reflection and to open other debates. To this end, we note that our reflections emerged due to the crossroads of realities experienced by indigenous students of the PET Conexões de Saberes Group: Comunidades Indígenas, of the Federal University of Acre. Thus, what is presented throughout this text is the result of a completely experimental exercise and, therefore, is characterized as speech and writing situated in a specific place and time. A speech and a piece of writing about what it means to be indigenous, based on the experience of being in worlds (or in the world) permeated by stories, cultures and languages, among many other things that are not fixed in any way. On the contrary, everything is in motion and everything is dated. Therefore, it is not a speech or a text with impact, but the result of a process of self-recognition, which implies the redefinition of ethnic belonging, first individually and then collectively.

KEYWORDS: Indigenous. Indian. Resistance.

Introdução

Antes de iniciar, gostaríamos de salientar que o que se apresenta ao longo do presente texto é resultado de um exercício completamente experimental e, por isso, caracteriza-se como uma fala e uma escrita situadas em um lugar e um tempo específicos. Uma fala e uma escrita sobre o que é ser indígena a partir da experiência de estar nos mundos (ou no mundo) atravessada pelas histórias, culturas e linguagens, entre outras tantas coisas que não são, de forma alguma, fixas. Ao contrário, tudo está em movimento e tudo é datado. Por isso, não se trata de uma fala ou de um texto de impacto, mas do resultado de um processo de autorreconhecimento, que implica a ressignificação de um pertencimento étnico, primeiro de forma individual e, depois, coletiva.

Assim, falar e escrever sobre o que é ser índio ou sobre o que é ser indígena pressupõe, antes de tudo, considerar, segundo Márcia Mura (2022) que, índio é um termo genérico, que não considera as especificidades que existem entre os povos indígenas, como as especificidades linguísticas, culturais e mesmo a especificidade de



tempo de contato com a sociedade não indígena. A palavra *indígena* também é genérica, até mesmo, pode-se dizer, problemática e carregada de vários sentidos/significados. No entanto, atualmente, tem sido utilizada para designar aquilo que é natural do lugar em que vive e, por isso, o movimento indígena, por exemplo, tem dado prioridade à sua utilização.

O desafio, nesse caso, a nosso ver, é, entre outras coisas, não negar essa complexidade, essa polissemia, mas refletir sobre o quanto e como a palavra indígena tem sido usada para substituir a palavra *índio* e sobre o quanto esta substituição busca, de alguma forma, promover um movimento de supressão do sentido pejorativo produzido/reproduzido, desde a chegada dos invasores em território brasileiro, que objetivou/objetiva a massificação discursiva que insiste em colocar todos, que aqui estavam/estão, num mesmo lugar.

Ante o exposto, importa assinalar que, de um lado, pode ser arriscado acreditar que a simples troca de uma palavra por outra, para denominar um grupo social, seja suficiente para romper com o preconceito, a discriminação, com as palavras e as ações pejorativas que nos acompanham há séculos. Por outro lado, no entanto, depois de todas e tantas formas de violência, que ainda vivem os povos indígenas, se faz necessário e urgente entender que precisamos nos organizar sobre uma outra palavra/categoria, mesmo que seja complexa, para conseguirmos, de alguma forma, nos reorganizar no contexto dessa sociedade ocidental capitalista e dominante.

Destaca-se, por fim, que se trata de uma fala, de uma escrita que assume características de um relato de experiência, posto que, de alguma forma, objetiva apresentar uma narrativa detalhada e, ao mesmo tempo, descritiva e reflexiva, a partir de experiências vividas, de forma a problematizar, como dito anteriormente, os conceitos de índio e de indígena, especialmente, no que se refere, primeiramente, à construção histórica dos termos; depois, em relação aos aspectos culturais e identitários e, por fim, enquanto mecanismo de luta e resistência.

1. Ser índio... ser indígena...

Somos índios ou indígenas? Recorrentemente temos ouvido falar sobre a utilização de termos adequados para nomear àquelas e àqueles que constituem, com seus saberes, suas culturas e suas histórias, os diferentes grupos étnicos que representam



os Povos Originários neste país. Diante disso, nos propusemos a tecer algumas reflexões sobre o tema e, para isso, iniciaremos pontuando que mais do que a utilização de um termo o que precisa ser pautado é a forma ou o contexto como ele é utilizado.

Sendo assim, podemos dizer que usar a denominação “Índio” como termo pejorativo é uma forma de discriminação racial e cultural, muitas vezes associada a estereótipos negativos e preconceituosos em relação aos povos indígenas. Utilizar o termo de forma pejorativa é desrespeitoso e perpetua a marginalização desses grupos, ignorando sua história, cultura e lutas. É importante reconhecer e combater o uso de termos pejorativos que reforçam estereótipos e preconceitos. A valorização e o respeito à diversidade cultural são fundamentais para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Ante o exposto, a denominação “Indígena” significa, quase que naturalmente, um termo carregado de mais sentido e complexidade, posto que o indígena é àquela ou àquele que pertence a um dos Povos Originários das Américas, descendentes dos habitantes nativos que já viviam nessas terras antes da colonização europeia. Ser indígena, nesse caso, não é uma condição isolada ou individual, pois pressupõe o envolvimento com uma identidade cultural, social e histórica única, com línguas, tradições, costumes e cosmovisões específicas.

Nessa perspectiva, o indígena representa, por exemplo, a relação especial dos Povos Originários com a terra, uma vez que valoriza a sustentabilidade, a espiritualidade e a coletividade em suas práticas e modos de vida. Ser indígena também está relacionado à luta por direitos territoriais, autonomia política e respeito à sua cultura e dignidade. Por isso, é fundamental reconhecer e valorizar a diversidade e riqueza das culturas indígenas, bem como apoiar suas reivindicações por justiça e igualdade e, nessa perspectiva, a utilização da denominação indígena se faz pertinente à medida que representa sentidos positivos/afirmativos do ser, estar e fazer dos povos originários.

Logo, **ser indígena passa a ser uma forma de anunciar ao mundo** uma condição e, mais do que isso, uma condição humana. Assim, ser indígena, nos dias de hoje, é um posicionamento político e, aliado a isso, um movimento de resistência. Sim, um movimento de resistência que se coloca entre nós desde o início dos tempos e se consolida nas décadas de 1970 e 1980. Um movimento de **resistência** que, como denuncia Gersem Baniwa (2006), de alguma forma, deixou de ser travado com o uso de



armas e começou a se dar de forma política. Um movimento que emerge na Carta Magna, de 1988, e indica a necessidade de superação da concepção de tutela e, por isso, reconhece a capacidade civil dos indígenas.

Dessa forma, exige o abandono do pressuposto integracionista, em favor do reconhecimento do direito à diferença sociocultural dos povos indígenas, na linha do multiculturalismo contemporâneo; em favor da autonomia societária dos povos e da garantia do direito ao território, à cultura, à educação, à saúde, ao desenvolvimento econômico, a partir de projetos coletivos, do direito à cidadania híbrida: étnica, nacional e global.

Dito isso, impressiona a muitos brancos e a sociedade ocidental que os povos indígenas reivindiquem o direito à vida e a melhores condições materiais de vida a partir da cultura de cada povo. Depois, desconfio que o processo de nos enganar/escravizar/matar (nessa ordem) ainda é entendido como um “direito” (justificado por uma pretensão de superioridade) intrínseco ao que desejam exercer, que nunca foi possível sem resistência e luta.

Ser indígena não é se esconder por baixo do genérico, quando os indígenas/parentes se reúnem a pergunta primordial é: de que povo você é? (Alguns não indígenas também perguntam, contudo são aqueles com certo tipo de conhecimento), então percebemos o que os outros não percebem, somos diferentes certamente, viemos de um lugar, atravessamos os tempos, vieram outras pessoas antes de nós, significamos de forma única. Isso não tem um caráter pejorativo, o encontro com uma pessoa igual/diferente ao mesmo tempo é sinal de reconhecimento, aprendizado, experiência, saudação, já que um povo pode/deve contribuir com o outro.

Ser indígena... é um ato de resistência... Por isso, segundo Maria Celestino de Almeida (2010), pela **resistência** os povos indígenas promoveram, e promovem, ao longo dos tempos, uma mudança no lugar ocupado na história do Brasil: dos bastidores ao palco. Se valeram, e se valem, da **resistência** para se tornar sujeitos ativos dos processos de ressocialização e catequese. Pela **resistência**, a definição de grupos étnicos, em categorias fixas, embora tenha sido utilizada como instrumento de dominação, foi, e ainda é, objeto de apropriação indígena e se torna, cada vez mais, mecanismo de construção de parâmetros para a sobrevivência étnica. Assim, perceber as histórias específicas dos diferentes povos, certamente implica em considerá-los, pelo



movimento de **resistência**, agentes fundamentais no processo de construção da sociedade colonial e pós-colonial.

Dito isso, cabe destacar que a **Resistência** se faz no movimento de etnogênese, a medida que constata-se uma imensa capacidade dos povos indígenas de reelaborarem redes de sociabilidade, culturas, identidades e histórias em meio às mais violentas situações de contato por eles vivenciadas do período colonial aos nossos dias. A história nos mostra que em 1809, uma declaração do próprio Príncipe evidencia a ambivalência de sua política para os índios: "Não é conforme aos meus princípios religiosos e políticos o querer estabelecer minha autoridade [...] por meio de mortandades e crueldades contra os índios [...] só desejo usar da força com aqueles que ofendem os meus vassalos, e que **resistem** aos brandos meios de civilização que lhes mando oferecer."

Se, [...] os grupos têm interesse em manter-se distintos, enquanto condições políticas e econômicas [...], essa parece ter sido uma forte razão para os aldeados, no século XIX, terem **resistido** à política assimilacionista.

Dando continuidade às reflexões que tecemos registramos os escritos de Ailton Krenak, para quem a história apresenta as diferentes manobras que os antepassados indígenas fizeram e que servem de alimento, juntamente com a criatividade e a poesia, para inspirar a **resistência** dos povos. Os Povos Indígenas **resistem** expandindo sua subjetividade, não aceitando essa ideia de que são todos iguais. Por isso, com estratégias de **resistência** continuada, os Povos Indígenas, conseguiram adiar o fim do mundo e fazer sobreviver 305 etnias com 274 línguas. Segundo o autor, há quinhentos anos que os Indígenas estão **resistindo** e lutando para ter o direito de ser e de viver de modo diferenciado. Essa é uma **resistência** ao processo de homogeneização proposto pelo branco "civilizado" que obrigou os povos indígenas, no período da colonização, a **resistir** à destruição e a continuar resistindo aos processos de ocupação e destruição que ainda sofrem, até o presente momento.

Em síntese, optamos por refletir sobre **RESISTÊNCIA**, considerando inicialmente que se trata de um conceito que etimologicamente é *at resistantia* e que fizemos a opção por defender o significado apresentado no Dicionário Aurélio, em sua conotação Política, quando assume **RESISTÊNCIA** como sendo "Movimento de luta nacional contra o ataque do inimigo, para manter a posição ocupada."



Acreditamos que foi, e ainda é, desta forma que, a nosso ver, os Povos Indígenas Brasileiros fazem **RESISTÊNCIA**. **Resistência** pelo movimento e pela luta contra o inimigo para manter, e se manter, numa posição ocupada originalmente. **Resistência**, por vezes, e poderíamos dizer, na maioria das vezes, de forma solitária, invisibilizada, precarizada e descaracterizada. **Resistência** porque foram, e ainda são subjugados, marginalizados e enganados. **Resistência** em defesa de seus Territórios, de suas Vidas e de suas Culturas. **Resistência** para manter as garantias constitucionais já conquistadas. **Resistência** para demandar do poder público o básico: Direito à Diferença, Saúde, Educação, Igualdade, Proteção, Representatividade e Segurança Jurídica. **Resistência** contra o racismo, o preconceito, a violação de direitos das mulheres indígenas, a falta de acesso à alimentação nutritiva e às investidas saqueadoras da terra, da cultura e da história. **Resistência** que, segundo Baniwa (2012), fez surgir o Movimento Indígena Formal e garante a sobrevivência dos Povos, bem como a apropriação de conhecimentos e a continuidade de suas identidades, valores e tradições culturais.

Resistência que, na obra de Maria Regina Celestino de Almeida (2010), indica a necessidade Indígena de se tornar sujeitos ativos dos processos de ressocialização e catequese, tornando-os parâmetro para a sobrevivência étnica. **Resistência** que, nos escritos de Krenak, demonstra a grandeza da sua abrangência quando do enfrentamento do processo de homogeneização proposto pelo branco “civilizado”.

Acreditamos que, os Povos Indígenas precisarão fazer/ser **Resistência** até o momento em que os não indígenas se despirem dos estereótipos e do preconceito, conhecerem e respeitarem os direitos, as história e as cultura, entenderem que não tem muita terra para pouco “índio” e apoiarem os movimentos e as lutas Indígenas.

Conclusão

Acreditamos ser preciso ser resistente [desobedientes] como opção pedagógica e, por isso, a educação escolar indígena e a escola indígena se tornaram espaços de resistência. A resistência que faz o Movimento Nacional da Educação Escolar Indígena, incluindo o Ensino Superior, constatar um aumento no interesse dos povos indígenas. Um aumento de interesse que se relaciona com a aspiração coletiva de enfrentar as condições de vida e a marginalização impostas pela história e pelos anos de exclusão e



exploração social. Educação Escolar Indígena que é entendida como ferramenta para promover as próprias propostas de desenvolvimento, por meio do fortalecimento de seus conhecimentos originários e do incremento de suas capacidades de negociação, pressão e intervenção dentro e fora de suas comunidades. Educação Escolar Indígena que representa espaço para fazer resistência, instituir lutas e promover movimentos capazes de evidenciar, além dos seus saberes, das suas culturas e das suas histórias, a necessidade de ser visto, compreendido e respeitado.

Educação Escolar Indígena como possibilidade para fortalecer e dar ainda mais visibilidade. Visibilidade que se configura como uma espécie de garantia de sobrevivência [...], pela não aceitação da ideia de que os povos originários são todos iguais, pois somente o reconhecimento da diversidade e a recusa da ideia do humano como superior aos demais seres podem ressignificar as existências indígenas e refrear nossa marcha insensata em direção ao abismo.

A verdade é que os Povos Indígenas vivem encurralados e refugiados nos seus próprios territórios há muito tempo [...] e esse confinamento involuntário tem lhes dado resiliência, tem lhes feito mais **resistentes**. **Tem, no caso específico do Acre,** fortalecido a **resistência** da florestania que questiona a cidadania urbana, que tende a devorar tudo que tem em seu entorno e a negar a potência de outras formas de ser cidadão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. **Os índios na história do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV editora, 2010.

BANIWA, G. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: SECAD/MEC, 2006.

BANIWA, G. A conquista da cidadania indígena e o fantasma da tutela no Brasil contemporâneo. In: RAMOS, Alcida Rita (Org.). **Constituições nacionais e povos indígenas**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.



CHAUÍ, M. **Brasil: mito fundador e a sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

BRASIL. Fundação Nacional dos Povos Indígenas. **Brasil registra 274 línguas indígenas diferentes faladas por 305 etnias**. Brasília, DF, 27 out. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/brasil-registra-274-linguas-indigenas-diferentes-faladas-por-305-etnias>. Acesso em: 23 ago. 2024.

MURA, M. **Tecendo memórias do povo mura e outros parentes**. São Paulo: Pachamama, 2002.



SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO MODULAR DE ENSINO (SOME): COMPLEXIDADES E RESISTÊNCIAS NO MUNICÍPIO DE ABAETETUBA/PA

*Modular teaching organization system (some): complexities and resistance in the
municipality of abaetetuba/pa*

Ana Claudia de Sousa RAMALHO¹

Universidade federal do Pará (UFPA)

Raiza Vitória Sabóia de OLIVEIRA²

Universidade federal do Pará (UFPA)

RESUMO: O presente artigo busca investigar a vivência da política pública conquistada no Estado do Pará o Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) para filhos/as dos/as trabalhadores/as do campo, do Município de Abaetetuba no estado do Pará/ Região Amazonense com o intuito do acesso e permanência à educação básica às comunidades rurais ribeirinhas, indígenas, extrativistas, e quilombolas o ensino de qualidade. A metodologia é realizada por meio de pesquisa qualitativa do tipo bibliográfico, com característica descritiva exploratória. É exposto um aprofundamento teórico da política educacional paraense e fomentação desta sistematização educacional como uma oportunidade de ascensão emancipatória.

PALAVRAS-CHAVE: SOME. Complexidade. Resistência.

ABSTRACT: The article seeks to investigate the experience of public policy achieved in the State of Pará, the Modular Education Organization System (SOME) for children of rural workers, in the Municipality of Abaetetuba in the state of Pará/Amazonian Region with the aim of access and permanence in basic education for rural riverside, indigenous, extractive and quilombola communities and quality education. The methodology is carried out through qualitative bibliographic research, with an exploratory descriptive characteristic. A theoretical deepening of Pará's educational policy and the promotion of this educational systematization as an opportunity for emancipatory ascension are exposed.

KEYWORDS: SOME; Complexity; Resistance.

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém-PA, anarramalho2@gmail.com.

²Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém-PA, saboiavitoria18@gmail.com.



Introdução

A política educacional é originalmente paraense. Foi fundada após o término da ditadura militar em 1980. Era dado como projeto até o ano de 2014, entretanto, após lutas da classe trabalhadora, foi aprovada na Assembleia Legislativa do Estado do Pará - Alepa como política pública de educação no contexto amazonense. O SOME é a Lei nº 7.806, de 29 de abril de 2014. Dispõe sobre a regulamentação e o funcionamento do Sistema de Organização Modular de Ensino - SOME, no âmbito da Secretaria de Estado de Educação - SEDUC. Inicialmente o SOME foi implantado em quatro municípios do Pará (Igarapé-Açu, Nova Timboteua, Igarapé-Miri e Curuçá).

O art. 205 “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL/CF, 1988). Freire (2000, p.67) discorre “[...] se a educação sozinha não transforma sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda [...]”.

Na Lei nº 7.806 de 29 de abril de 2014 no seu art. 2º diz que, o Ensino Modular visa garantir aos alunos acesso à educação básica e isonomia nos direitos, assegurando a ampliação do nível de escolaridade e a permanência dos alunos em suas comunidades, observando as peculiaridades e diversidades encontradas no campo, águas, florestas e aldeias do Estado do Pará. A permanência no ensino da população do campo é amparada pela lei, isto é, diante dela deve desencadear formas dos jovens e adultos continuarem seus estudos e não precisarem se deslocar de suas comunidades para ter o acesso à educação.

1. Metodologia

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo do tipo bibliográfico com característica descritiva exploratória, destaca-se a relevância da pesquisa bibliográfica, pois ocasiona em uma sistematização de procedimentos de busca por aperfeiçoamento, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório (Lima e Miotto, 2007).



A análise ocorreu com a observação no município de Abaetetuba/PA conhecida como “a Capital Mundial do Brinquedo de Miriti”, pois vivenciou, ao longo dos anos, profundas mudanças nos aspectos políticos, sociais, econômicos e, sobretudo, na área da educação. De acordo com os dados estatísticos do Censo Demográfico do ano de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o município de Abaetetuba, dispõe de uma área territorial de 1.610.603 km², que abriga uma população total de 141.100 habitantes, dos quais deste total 58.102 residem na região do campo do município, dentre os quais podemos destacar os povos das águas e das florestas (IBGE, 2010).

A pesquisa recorre por meio de relatos reais, via redes sociais com algumas das realidades acerca dos desafios formativos do cotidiano escolar e pesquisas bibliográfica acerca da temática. No artigo, também foi admitido uma pesquisa de campo (Lakatos, 2003), que está em andamento, com a pretensão de analisar a trajetória dos indivíduos que vivenciam o Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME).

2. Objetivos

Identificar as causas que influenciam na carência de acesso, levantando amplas discussões para promover oportunidades e melhorias; Colaborar com algumas práticas de intervenção que serão conduzidas no processo da construção do conhecimento considerando as vivências e experiências dos sujeitos; Promover visibilidade acerca da sistematização educacional abordada; Determinar a necessidade de avanços constante do Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME); Estimular a progressão de políticas públicas para o erguimento de um espaço aprimorado e o alcance a ele; Estabelecer a necessidade da formação continuada docente para a obtenção do conhecimento sócio-cultural da localidade;

3 Resultados e discussões

Com o intuito de relatar e informar sobre o Sistema de Organização Modular de Ensino, em Abaetetuba há um perfil nas redes sociais: @someabaetetuba/instagram, criado por professores/as e alunos/as atuantes da rede.



O relato de Grazielle Azevedo, ex-aluna do SOME do município de Abaetetuba da Ilha do Campo, "Sou fruto do Sistema Modular de Ensino (SOME), onde tive a oportunidade de estudar desde o 6º ano até o ensino médio hoje sou Licenciada em Educação do Campo com habilitação em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade Federal do Pará (UFPA), estou cursando mestrado em Sustentabilidade junto aos povos tradicionais, aqui na Universidade de Brasília (UNB) e atuando na Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas, então o SOME representa oportunidade a realização de sonhos e acima de tudo representa o direito à educação dentro dos nossos territórios. Viva o SOME!".

Outro relato é de Marley Antonia Silva da Silva ex-aluna do SOME do município de Abaetetuba, Rio Furo Grande, Pós doutoranda em História UFRJ, Docente do IFPA, diz "O SOME possibilitou acesso à educação, sem me afastar de minha família e da minha comunidade".

Os jovens abaetetubenses da comunidade de Nossa Senhora de Nazaré - Rio Caripetuba, Ananda Ferreira Cordeiro e Marcos Ferreira Cordeiro, declaram: "Estudamos todo o nosso fundamental II e ensino médio no Sistema Modular. Mesmo diante de algumas dificuldades enfrentadas como, por exemplo, água grande, salas de aulas improvisadas em um barracão da comunidade, calor, dentre outros, fomos aprovados em cursos do IFPA, UFPA e PROUNI."

A educação de nível fundamental e médio chega, aos poucos, em algumas comunidades ribeirinhas do município de Abaetetuba-PA, favorecendo assim que os sujeitos filhos dos trabalhadores rurais, quilombolas, extrativistas, ribeirinhos, pescadores tenham condição de ingressar à escola para cursar os níveis de ensino, mesmo com os impasses diários.

Conclusão

A educação de populações do campo tende a sofrer mais, porque a lei não chega até a sua comunidade, fazendo com que improvisam um ensino com os próprios moradores da comunidade e quando são instalados projetos ou políticas educacionais são frequentemente sem qualidade. Segundo Cury (2008, p. 294) "A educação básica é um conceito mais do que inovador para um país que, por séculos, negou, de modo



elitista e seletivo, a seus cidadãos, o direito ao conhecimento pela ação sistemática da organização escolar”.

O SOME foi criado para atender esses grupos formados por ribeirinhos, indígenas, extrativistas e quilombolas buscando o acesso por meio da equidade. Os desafios são diários, afetando o ensino. Os /as professores/as e os/as alunos/as lidam com problemas antes e posteriormente a sua chegada até a sala de aula. Não se pode negar que a prática pedagógica que desfoçou dos centros urbanos marcou a história da educação brasileira, saindo da educação redentora e dando um passo importante, proporcionando a jovens e adultos do campo o progresso ao ensino-aprendizagem. A manutenção constante dessa política é necessária e essencial.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

CURY, C. A Educação Básica Como Direito. In: **Cadernos de Pesquisa**. V. 38, n. 134, p. 293-303, maio/ago. 2008.

LIMA, T.; MIOTO, R. **Procedimentos metodológicos na construção do científico**: Katál, Florianópolis, v.10, spe, 2007.

PARÁ. **Secretaria Executiva de Educação**. A educação básica no Pará: elementos para uma política educacional democrática e de qualidade Pará todos. Vol. II. Belém-Pará, 2008.

PEREIRA, R. Sistema de organização modular de ensino (some) e a inclusão social dos jovens e adultos do campo. **MARGENS - Revista Interdisciplinar**. 2016. vol.10; nº 14; (p. 187-198).



Pérola do Tocantins. **Aspectos históricos e culturais do município de Abaetetuba.**

2010. Disponível em:

<<http://cidadedeabaetetuba.blogspot.com/2010/09/aspectos-historicos-e-culturais-do.ht>
[ml?m=1](http://cidadedeabaetetuba.blogspot.com/2010/09/aspectos-historicos-e-culturais-do.ht)> acesso em 31 Out. 2024

PRAZERES, M.; MENDES, O. **Sistema de organização modular de ensino (some): A realidade da oferta do ensino médio no campo na mesorregião de Cametá/PA.**

Editora Atena, 2017. cap XVI; pág. 2018 a 229.

Secretaria Executiva de Educação. Dados Estatísticos das Escolas Públicas Estaduais de Educação Básica. Belém-Pará. 2012.

SOME ABAETETUBA (SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO MODULAR DE ENSINO). Depoimento de Ananda Ferreira Cordeiro e Marcos Ferreira Cordeiro. 01 Mar. 2023. Instagram: @someabaetetuba. Disponível em: <
www.instagram.com/p/CpQKw2ysoPI> acesso em: 31 Out. 2024.

SOME ABAETETUBA (SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO MODULAR DE ENSINO). Depoimento de GRAZIELLE AZEVEDO. Brasília/DF. 2 de Mar. 2023. Instagram: @someabaetetuba. Disponível em: <
www.instagram.com/reel/CpTq777uOkd/> acesso em: 31 Out. 2024.

SOME ABAETETUBA (SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO MODULAR DE ENSINO). Depoimento de Marley Antônia Silva da Silva. Rio de Janeiro/RJ. 2 de Mar. 2023. Instagram: @someabaetetuba. Disponível em: <
www.instagram.com/p/CpSxTA6A4rW> acesso em: 31 Out. 2024.



PARA ALÉM DA TEORIA: DESAFIOS E APRENDIZADOS EM FÍSICA EXPERIMENTAL ATRAVÉS DA MEDIÇÃO DA ACELERAÇÃO DA GRAVIDADE UTILIZANDO UM PÊNDULO

Beyond theory: Challenges and learnings in experimental physics through gravity acceleration measure using a pendulum

Lucas Henrique Braga FURTADO¹
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Rubens SILVA²
Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: Este relato descreve a reprodução de um experimento inspirado em um vídeo sobre a medição da aceleração da gravidade (g) através de um pêndulo; para tal, foi utilizado um sensor de luz infravermelho e um Arduino para a obtenção dos períodos de oscilação. O método empregado para obter g foi o método de Bessel, que consiste em usar dois comprimentos diferentes de um mesmo pêndulo. Os resultados obtidos permitiram determinar o valor de g igual a $9,69 \pm 0,01 \text{ m/s}^2$, um valor próximo do valor local de g em Belém do Pará, aproximadamente $9,78 \text{ m/s}^2$. A experiência proporcionou uma reflexão sobre a relação entre modelos teóricos e a realidade prática, ressaltando a importância de um modelo que seja útil e acessível na obtenção de dados.

PALAVRAS-CHAVE: Pêndulo; Arduino; Gravidade.

ABSTRACT: This report describes the reproduction of an experiment inspired by Felipe Brandão's video on measuring the acceleration due to gravity (g) using a pendulum. For this, an infrared light sensor and an *Arduino* were used to obtain the periods of oscillation. The method employed to determine g was Bessel's method, which consists of using two different lengths of the same pendulum. The results obtained allowed for the determination of g equal to $9.69 \pm 0.01 \text{ m/s}^2$, which is close to the local value of g in Belém do Pará, approximately 9.78 m/s^2 . The experience provided a reflection on the relationship between theoretical models and practical reality, highlighting the importance of a model that is useful and accessible for data collection.

Resumo em inglês ou na segunda língua de escolha do/s autor/es.

¹ Graduando em licenciatura em Física, bolsista - PET-Física, Universidade Federal do Pará. E-mail: lucas.furtado@icen.ufpa.br

² Doutor em Física, Tutor - PET-Física, Universidade Federal do Pará. E-mail: rubsilva@ufpa.br



KEYWORDS: Pendulum; Arduino; Gravity

Introdução

A proposta do experimento descrito neste trabalho foi inspirada no vídeo de Felipe Brandão (Filipe Brandão, 2019), intitulado “O Pêndulo e a Aceleração da Gravidade”, no qual é realizada a medida do módulo da aceleração da gravidade (representada neste trabalho por g) por meio de um pêndulo simples, um *Arduino* e soluções engenhosas. Esses elementos motivaram a reprodução do experimento. Outro fator que impulsionou essa iniciativa foi o interesse em explorar a atuação do físico experimental, bem como compreender de forma mais aprofundada a interface entre o modelo teórico e a realidade observável.

O pêndulo simples — sistema constituído por um fio ou haste rígida de comprimento L e massa desprezível, com uma massa m presa à extremidade e que se move em um arco de círculo de raio L (NUSSENZVEIG, 2014) — é um sistema clássico nos cursos da área de ciências exatas, como Engenharia e Física, e tal recorrência se justifica: nesse modelo, efeitos como a resistência do ar e o atrito entre as partes móveis são desconsiderados, resultando na equação de movimento (1):

Equação (1)

$$\ddot{\theta} + \frac{g}{L} \sin \theta = 0$$

Fonte: Autor, 2024.

onde θ é o deslocamento angular e $\ddot{\theta}$ é a aceleração angular. Fazendo uma aproximação para pequenos ângulos de oscilação, isto é, $\sin \theta \approx \theta$, temos:

Equação (2)

$$\ddot{\theta} + \frac{g}{L} \theta = 0$$

Fonte: NUSSENZVEIG, 2024

Cuja solução pode ser obtida com facilidade. Nesse regime, o termo g/L é igual ao quadrado da frequência de oscilação do pêndulo simples, o que leva à famosa equação do período de oscilação T do pêndulo simples:



Equação (3)

$$T = 2\pi\sqrt{\frac{L}{g}}$$

Fonte: NUSSENZVEIG, 2014.

Da equação (3), podemos obter a expressão para g :

Equação (4)

$$g = 4\pi^2 \frac{L}{T^2}$$

Fonte: NUSSENZVEIG, 2014.

Desse modo, o módulo da aceleração da gravidade pode ser obtido por meio do pêndulo simples, se conhecido seu período de oscilação e o comprimento do fio. Como dito anteriormente, esse modelo “carrega” uma série de idealizações, de tal forma que se quisermos utilizá-lo para obter g , teremos pelo menos duas opções: melhorar o modelo para que ele melhor corresponda à “realidade” ou gerar as condições idealizadas para realizar a medida. A decisão dependerá basicamente da precisão desejada e dos recursos disponíveis.

1. Objetivos

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é relatar como o autor reproduziu a experiência apresentada no vídeo supracitado, incluindo os materiais utilizados, a metodologia aplicada e os resultados obtidos. Buscou-se, também, medir g com a maior precisão possível, dentro do propósito didático do experimento, utilizando uma abordagem simples e acessível.

2. Metodologia

O modelo matemático escolhido foi o modelo do **pêndulo físico (ou composto)**, que leva em consideração a distribuição espacial de massa (formato) do corpo na extremidade do pêndulo, bem como a massa do fio. Tomando o centro de massa (CM) do sistema como sendo o ponto onde a resultante da força peso é aplicada e realizando a aproximação para pequenos ângulos de oscilação, temos:



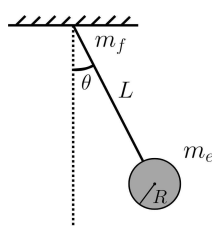
Equação (5)

$$\ddot{\theta} + \frac{DMg}{I}\theta = 0$$

Fonte: Autor, 2024

Que é a equação de movimento do pêndulo composto. Na equação (5), D é a distância entre o ponto de rotação do pêndulo e o seu CM, I é o momento de inércia do sistema e M é a massa total do sistema, igual a soma da massa do fio (m_f) e do corpo na extremidade do pêndulo (m_e), uma esfera de raio R feita de material metálico (Ver figura 1) — a esfera foi escolhida pois facilita os cálculos do momento de inércia.

Figura 1: o pêndulo composto



Fonte: Autor, 2024.

Utilizando uma balança com resolução de 0,05 g, foi determinado $m_f < 0,1$ g e $m_e = (16,40 \pm 0,05)$ g — tal resultado para m_f se deve ao fato de o pedaço de fio utilizado na experiência ser constituído, na verdade, por três fios entrelaçados dos quais utilizei somente um; a massa inicial do fio era $m_f = (0,10 \pm 0,05)$ g. Como $m_f \ll m_e$, podemos considerar m_f desprezível e utilizar o teorema dos eixos paralelos para determinar I (NUSSENZVEIG, 2014). Sendo assim:

Equação (6)

$$T = 2\pi\sqrt{\frac{D + \frac{2R^2}{5D}}{g}}$$

Fonte: Autor, 2024.

Na equação (6), o termo $(2/5)(R^2/d)$ pode ser desprezado, desde que o comprimento do fio seja, pelo menos, 100 vezes maior que o raio da esfera (BRANDÃO, 2019), logo, onde $D = L + R$.

Equação (7)

$$g = 4\pi^2 \frac{D}{T^2}$$

Fonte: Autor, 2024.

Para determinar g , foi empregado o **método de Bessel**. Segundo Silveira

(2019, p. 2), “O procedimento proposto por Bessel baseia-se no fato de que é possível medir a diferença de comprimento que um pêndulo sofre, sem conhecer os seus respectivos comprimentos”. Em outras palavras, esse método consiste em utilizar dois comprimentos diferentes do mesmo pêndulo (D_1 e D_2). É fácil demonstrar pela equação (7) que g pode ser calculada como:

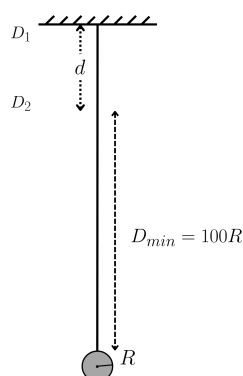
Equação (8)

$$g = 4\pi^2 \frac{d}{T_1^2 - T_2^2}$$

Fonte: BRANDÃO, 2019.

Onde $d = D_1 - D_2$ e T_1 e T_2 são os respectivos períodos de oscilação (Ver figura 2).

Figura 2: relação entre d e os comprimentos D_1 e D_2 .



Fonte: Autor, 2024.

O método de Bessel traz a vantagem de eliminar possíveis erros na medida do raio R da esfera e permitir uma maior precisão na medida final de g , já que d pode ser medido com um paquímetro, enquanto D_1 e D_2 seriam medidos com uma régua ou trena, instrumentos com menor resolução em relação ao paquímetro. Assim sendo, para obter g , foi preciso fazer a medida de d , T_1 e T_2 .

A medida de d foi realizada por meio de um paquímetro com resolução de 0,05 mm: o fio do pêndulo foi preso com fitas sobre uma mesa e teve seu comprimento medido igual a 100 mm — foram feitas duas marcações no fio, distantes 100 mm uma da outra, a fim permitir a rápida variação e ajuste do comprimento do fio do pêndulo.

Figura 3: À esquerda, medida com paquímetro e, à direita, as marcações feitas no fio

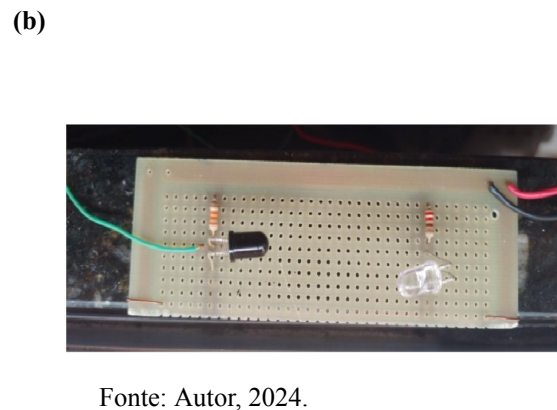
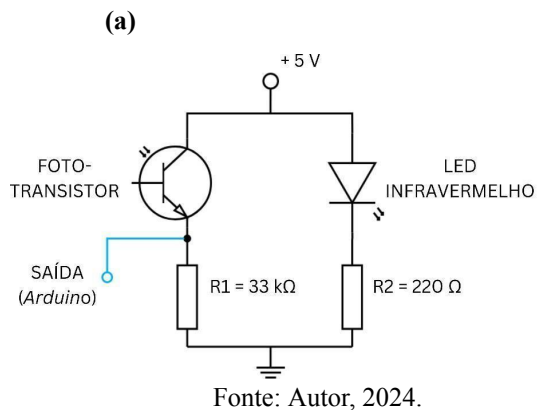


Fonte: Autor, 2024.



A parte mais “engenhosa” do experimento foi medir T_1 e T_2 com precisão. Para isto, foi empregado um sensor de infravermelho (IV): consiste em um LED emissor de luz infravermelho e um fototransistor, que funciona como um receptor de sinal — ambos ficam um de frente para o outro. (Ver figura 4.(b)) Quando a luz infravermelho atinge o fototransistor, há uma variação de tensão em seus terminais que pode ser verificada com um multímetro; quando o receptor deixa de receber a luz, ocorre o mesmo fenômeno. No caso do experimento, o que faz a luz do LED IV deixar de atingir o receptor é a passagem do pêndulo, que cobre momentaneamente o receptor.

Figura 4: (a) diagrama elétrico do sensor infravermelho e (b) montagem real do circuito.



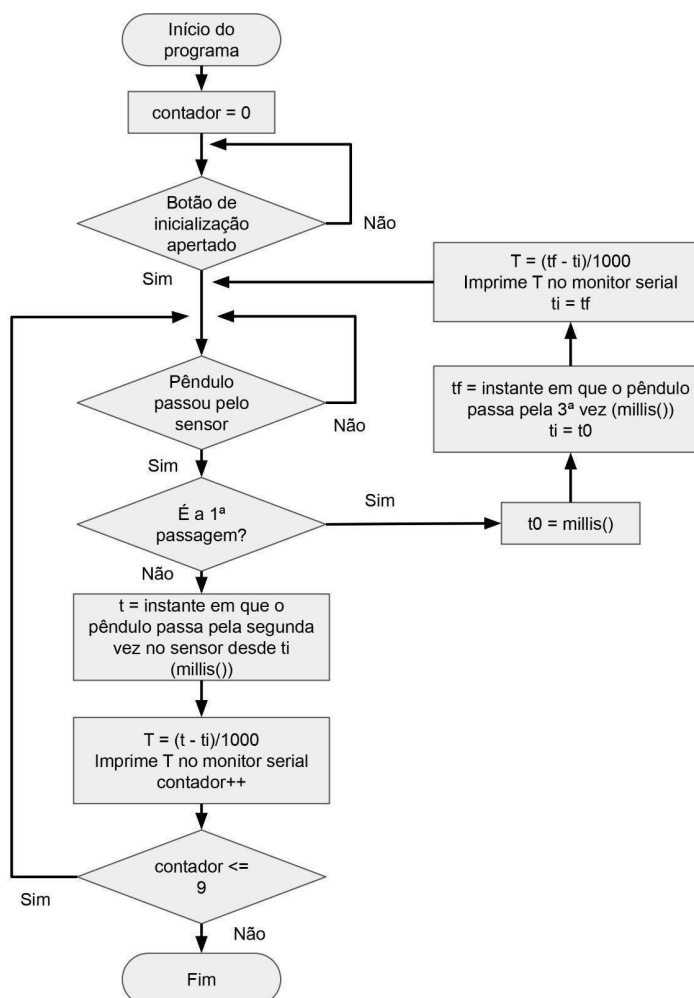
Junto ao sensor IV, utilizamos um *Arduino* para a contagem dos períodos de oscilação. Segundo Arduino (2018), “*Arduino* é uma plataforma eletrônica de código aberto baseada em *hardware* e *software* fáceis de usar”, em outras palavras, ele é um “mini cérebro” capaz de fazer tarefas programadas pelo usuário, que vão desde receber informações e processá-las até atuar sobre algo. Por exemplo, é possível usar o *Arduino* para medir uma determinada variação de temperatura (um sensor de temperatura deve estar conectado ao *Arduino*) e programá-lo para quando a temperatura assumir um valor “x”, ligar uma ventoinha (também previamente conectada ao *Arduino*).

O *Arduino* utilizado no experimento foi o Arduino Uno R3. Além de ser capaz de notar a passagem do pêndulo pelos sensores, este possui um relógio interno com



resolução de milésimos de segundo (ms). Sendo assim, foi desenvolvido um algoritmo para medir 10 vezes o período de oscilação, conforme o fluxograma da figura 5.

Figura 5



Fonte: Autor, 2024, inspirado em BRANDÃO, 2019.

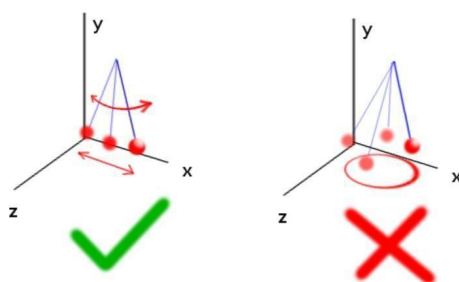
No início do algoritmo, uma variável é criada (“contador”) para contar quantas medidas de período foram feitas; em seguida o *Arduino* “espera” até que um botão seja apertado pelo operador do sensor (indica o início da contagem). Na primeira medida, o algoritmo mede o intervalo de tempo entre a primeira e a terceira vez que o pêndulo passa pelo sensor; para isto, o algoritmo calcula o intervalo de tempo entre o instante final e o inicial, valor este igual ao período de oscilação. O valor “tf” é armazenado e utilizado para determinar o intervalo de tempo da oscilação seguinte. No total, foram feita 10 séries de 10 medidas, 5 séries para cada comprimento D_1 e D_2 .

Um outro desafio superado durante a execução do experimento foi a questão do



movimento planar do pêndulo (Ver figura 6). Na prática, é difícil pôr o pêndulo para oscilar em um único plano manualmente. Para evitar este problema, foi construído um eletroímã, que consistiu basicamente em uma bobina de fio de cobre enrolado em um eixo de ventilador. Ao fazer uma corrente elétrica passar pela bobina, um campo magnético surge, atraindo a esfera de metal do pêndulo; desconectando o eletroímã da fonte de tensão, o campo magnético desaparece, fazendo o pêndulo oscilar num movimento praticamente planar.

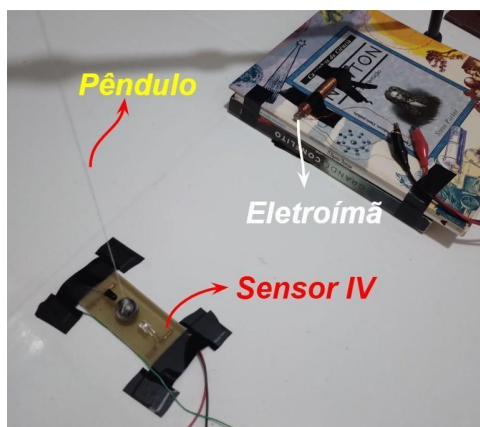
Figura 6: Diferença entre o movimento planar (esquerda) e o cônico (direita) indesejado.



Fonte: BRANDÃO, 2019.

A figura 7 mostra a montagem experimental final. Tanto o sensor IV como o eletroímã estavam fixos. A distância horizontal de partida do pêndulo foi tal que θ era sempre menor ou igual a 10° (aproximadamente 17 cm de distância). Das 50 medidas obtidas para cada comprimento do fio, apenas 39 foram utilizadas para realizar os cálculos de desvio padrão e média, a fim de obter o valor de g — algumas medidas não foram utilizadas porque apresentavam grandes desvios dos valores médios devido a flutuações de sinal nas medidas cujas quais não tive controle.

Figura 7: fotografia do esquema final montado para a experiência.



Fonte: Autor, 2024.



3. Resultados E Discussões

Após a análise dos dados, obtivemos $T_1 = (2,141 \pm 0,001)$ s e $T_2 = (2,043 \pm 0,001)$ s; a incerteza foi determinada através do desvio padrão dos períodos. Utilizando a equação (8), obtemos g igual a $(9,69 \pm 0,01)$ m/s². A incerteza foi determinada pelo desvio padrão da média e, embora este valor se distancie significativamente do valor padrão de g , igual a 9,81 m/s², ele é satisfatoriamente próximo do valor local da aceleração da gravidade em Belém do Pará que, segundo o **Banco de Dados Geodésicos** (IBGE), é aproximadamente 9,78 m/s². Logo, pode-se verificar que a medida obtida tem um erro de 0,92% em relação ao valor local.

Certamente, se mais medidas fossem realizadas, a média de g se aproximaria ainda mais do valor real. Durante a realização do experimento, foram observadas certas dificuldades nas medições de tempo, visto que pequenas mudanças em seu valor, mesmo que por um milésimo de segundo, afetam bastante o valor de g ; talvez o que possa melhorar a exatidão dessas medidas seja levar em consideração o tempo em que a esfera “fica” na frente do sensor.

Outro aspecto relevante deste experimento é a oportunidade que oferece para refletir sobre a distinção entre modelo e realidade, percepção que certamente será compartilhada por aqueles que o reproduzirem. Embora seja desejável que um modelo represente a realidade com o máximo de fidelidade possível, tal precisão geralmente acarreta complexidades matemáticas significativas. A experiência prática demonstrou que, na maioria dos casos, busca-se um modelo intermediário suficientemente preciso para fornecer resultados úteis, mas simples o bastante para ser aplicado de forma acessível na obtenção de dados experimentais.

Conclusão

Este experimento permitiu a determinação da aceleração da gravidade g utilizando um pêndulo composto e a técnica de Bessel, com um valor obtido apresentando boa precisão para os fins do experimento, que apresenta grande poder didático, principalmente para o ensino de física experimental e a relação entre modelo e realidade. Por fim, certamente a experiência foi refeita com um maior número de medidas g será obtido com maior exatidão.



REFERÊNCIAS

BRANDÃO, F. **Pêndulo Simples Determinando o valor da aceleração gravitacional local g a partir da medida do período de oscilação de um “pêndulosimples”**. 2019.

Disponível em:

https://drive.google.com/drive/u/0/folders/18N_uKIOrgC6pSKs4rdAJQJQhPcRQWHvk>. Acesso em: 31 de outubro de 2024. [não publicado]

Filipe Brandao. **O pêndulo e a aceleração da gravidade**. YouTube, 23 de junho de 2019. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=STzxkKnzulg&t=757s>>. Acesso em: 16 de outubro de 2024.

Instituto de Geografia e Estatística (IBGE). Banco de Dados Geodésicos. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em:

<<https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-sobre-posicionamento-geodesico/servicos-para-posicionamento-geodesico/16327-banco-de-dados-geodesicos.html>>. Acesso em: 16 de outubro de 2024.

NUSSENZVEIG, H. Moysés. **Curso de física básica 2: fluidos, oscilações e ondas, calor**. 5. ed. São Paulo: Blucher, 2014.

O que é Arduino?. **Arduino**, 5 de fevereiro de 2018. Disponível em:

<<https://www.arduino.cc/en/Guide/Introduction>>. Acesso em: 31 de outubro de 2024.

SILVEIRA, F. L. Determinando a aceleração gravitacional. **Research Gate**, 2019.

Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/237747971_Determinando_a_aceleracao_gravitacional_1>. Acesso em: 16 de outubro de 2024.



PROJETO JOVEM PADAWAN: INTEGRANDO NOVOS ACADÊMICOS E FORTALECENDO A TUTORIA NO CURSO DE ENGENHARIA FLORESTAL

*Young Padawan Project: Integrating new academics and strengthening
mentoring in the forestry engineering course*

Anna Marcelly Santos CARDOSO¹

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Jhan Lucca Ferreira MARTINS²

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Leonardo Ramos RODRIGUES³

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Layza Eduarda Cutrim GOIS⁴

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Marcela Gomes da SILVA⁵

Universidade Federal de Lavras (UFLA)

RESUMO: O projeto "Jovem Padawan" surgiu especialmente durante a pandemia do COVID-19, período que causou um aumento da evasão universitária, buscando familiarizar os

¹ Discente do curso de Engenharia Florestal; Bolsista PET; Universidade Federal Rural da Amazônia. E-mail: engflorestalannamarcelly@gmail.com

² Discente do curso de Engenharia Florestal; Bolsista PET; Universidade Federal Rural da Amazônia. E-mail: jhan.lferreira@gmail.com

³ Discente do curso de Engenharia Florestal; Bolsista PET; Universidade Federal Rural da Amazônia. E-mail: leonardro20@gmail.com

⁴ Discente do curso de Engenharia Florestal; Bolsista PET; Universidade Federal Rural da Amazônia. E-mail: layzagois@gmail.com

⁵ Doutora em Ciência e Tecnologia da Madeira, Universidade Federal de Lavras
marcela.gsilva@gmail.com



calouros com a vida acadêmica e o mercado de trabalho na Engenharia Florestal, na tentativa de reduzir a evasão e melhorar o desempenho acadêmico dos alunos. O projeto oferece minicursos, palestras e dinâmicas em grupo, tendo a sua divulgação por meio de mídias sociais. Desde 2020, já foram realizadas quatro edições, com a participação de mais de 150 alunos. Apesar dos desafios, contribuiu para a integração dos calouros e o fortalecimento da tutoria no curso, iniciativa que demonstra a importância de ações que promovam a permanência estudantil, especialmente em momentos de crise como a pandemia.

PALAVRA-CHAVE: Pandemia; Evasão; Universidade.

ABSTRACT: The "Young Padawan" project emerged especially during the COVID-19 pandemic, a period that caused an increase in university dropout rates, seeking to familiarize freshmen with academic life and the job market in Forestry Engineering, in an attempt to reduce dropout rates and improve students' academic performance. The project offers short courses, lectures, and group dynamics, and is promoted through social media. Since 2020, four editions have been held, with the participation of more than 150 students. Despite the challenges, it contributed to the integration of freshmen and the strengthening of tutoring in the course, an initiative that demonstrates the importance of actions that promote student retention, especially in times of crisis such as the pandemic.

KEYWORDS: Pandemic; Dropout; University.

Introdução

No ano de 2020, houve a eclosão da Pandemia de Coronavírus (COVID-19), exigindo diversas mudanças no cotidiano da sociedade brasileira a partir de março, mês em que foi declarada a existência de transmissão comunitária do vírus pelo Ministério da Saúde. Logo, novas ações foram implementadas para promover o isolamento social, por meio de decretos Federais, Estaduais e Municipais, priorizando o fechamento de escolas e comércios.

Nesse momento, muitas pessoas perderam seu emprego, empresas faliram e estudantes foram obrigados a continuar seus estudos de forma remota, incluindo atividades síncronas e assíncronas entre professores e alunos. No entanto, novas limitações são observadas dentro do setor acadêmico, uma vez que o isolamento social é incômodo e exige paciência, sendo comuns situações de ansiedade, estresse e angústia, fazendo com que as pessoas percam de vista seus focos, na incerteza de um futuro próximo (Bittencourt, 2020).

Durante a pandemia, o índice de evasão dentro das universidades aumentou e um grande fator contribuinte foi a mudança drástica do ensino presencial para o ensino remoto. Dessa forma, é fundamental que as Instituições de Ensino Superior estejam



atentas a essas problemáticas, as quais favoreceram com que discentes jovens e adultos, de forma rápida e repentina, fossem distanciados da vida acadêmica, estando sujeitos ao risco de que a dura realidade econômica, sanitária e social prejudique o acesso e a continuidade da assiduidade no ensino superior, sendo necessário considerar essa possibilidade de forma prioritária e exigindo a formulação e execução de ações concretas. (RAPOSO et al, 2022).

Neste sentido, foi elaborado e implementado ainda no mesmo ano de 2020, o projeto “Jovem Padawan”, dentro do grupo PET Florestal, para contribuir com a redução dos índices de evasão dos discentes, principalmente calouros, do curso de Engenharia Florestal, da Universidade Federal Rural da Amazônia, por meio de capacitações que insiram os discentes dentro das áreas do setor florestal e que possibilitem a familiarização dos calouros com as atribuições da vida universitária, permitindo, assim, uma percepção prévia do mercado de trabalho.

1. Objetivos

O projeto Jovem Padawan pretende oferecer aos novos acadêmicos a oportunidade de compreender todas as vertentes que cabem ao curso de Engenharia Florestal e ao mercado profissional, despertando o interesse deles em aprofundar cada vez mais seus conhecimentos a respeito da profissão, além de corroborar com um melhor rendimento acadêmico e, por consequência, reduzir as taxas de evasão nos estágios iniciais da graduação, principalmente no período pandêmico.

2. Metodologia

As atividades do projeto podem ocorrer de forma híbrida, tanto remota quanto presencial, resumindo-se em minicursos, palestras e dinâmicas em grupo, totalmente gratuitos, vigentes em cada edição com período de 12 meses. Quando presencial, as programações são realizadas nas dependências da Universidade Federal da Amazônia, campus Belém, e quando remoto são realizadas via Google Meet.

O projeto inicia sua atuação na semana do calouro, a qual permite o planejamento de atividades presenciais com os ingressantes do curso de Engenharia Florestal, por meio do grupo PET Florestal, ocorrendo atividades de exposição de



materiais relacionados a temas pertinentes às Ciências Agrárias nas trilhas da Universidade Federal Rural da Amazônia, posteriormente, um jogo de perguntas e respostas com adição de “torta na cara”.

No momento em que esses calouros já se encontram regularmente matriculados e a partir do início do semestre, é aberta uma nova edição do projeto, disponibilizando em média 30 vagas, a qual permite que calouros e veteranos se inscrevam para participar das atividades programadas pelo grupo, de forma totalmente gratuita e acessível a todos.

Os cursos são escolhidos com base na disponibilidade de ministrantes e também visualizando preencher as lacunas que muitas vezes somente as experiências dentro das disciplinas de graduação não são suficientes. Por isso, grande parte das capacitações envolve o aprimoramento de habilidades em softwares e ferramentas pertinentes à Engenharia Florestal e ao mercado de trabalho, como por exemplo: QGIS, AutoCad, Google Earth Engine, Excel, etc. As palestras são elaboradas também com base na disponibilidade de ministrantes e na seleção de temas pertinentes às Ciências Florestais.

Após a definição da programação, é elaborada uma mídia para ser postada em nossas redes sociais para movimentação dos participantes e divulgação do projeto e suas ações.

Durante a realização, são repassadas frequências para monitorar a assiduidade dos participantes do projeto em cada atividade, contabilizando pontos para que, ao final do programa, sejam somados, determinando o 1º lugar e o grupo PET Florestal premia, assim, o Padawan (calouro) e/ou Jedi (veterano) mais ativo nesse período de 12 meses.

3. Resultados e discussões

Em Abril de 2020 foi aberto o primeiro Processo Seletivo para seleção de membros para compor o projeto, resultando em 58 inscrições de participantes, nas quais os veteranos são considerados “Jedi’s” e os calouros são considerados “Padawan’s”.

Durante esta edição, foram ofertados cursos e minicursos de Excel; Organografia (reconhecimento de plantas); Produção Científica; Paisagismo; Recuperação de Áreas Degradadas. Além disso, foram realizadas palestras sobre os desafios no exercício da



Engenharia Florestal, com temas envolvendo Regularização Fundiária, Licenciamento Ambiental, Silvicultura de Florestas Nativas e Arborização Urbana. Por fim, também foi realizada uma Oficina de Produção de Exsicatas. Seguem abaixo figuras que exemplificam como foram divulgadas as programações:

Figura 1: Minicurso de Excel.



Fonte: Acervo dos autores

Figura 2: Curso de produção Científica



Fonte: Acervo dos Autores

No ano de 2021, o grupo PET Florestal abriu outro Processo Seletivo contabilizando 52 participantes, sendo a 2º edição do projeto. Neste ano, foram realizados ciclos de palestras sobre a trajetória da formação do Engenheiro Florestal, palestras sobre o Dia Nacional da Botânica e sobre o Dia do Meio Ambiente. Ademais, foram ofertados cursos de ArcGis Desktop, Licenciamento Ambiental, Ciências do Solo, Software R Studio.

Figura 3: Curso de Software R Studio



Fonte: Acervo dos autores



Figura 4: Curso de Ciências do Solo.



Fonte: Acervo dos autores

No ano de 2022, foi aberta a 3ª edição do projeto contando com 19 inscritos, na qual foi possível realizar cursos de ArcGis e de Excel.

Figura 5: Curso de ArcGis



Fonte: Acervo dos Autores

Figura 6: Curso de Excel



Fonte: Acervo dos Autores



Em 2023, foi aberto o Processo Seletivo para a 4º edição do projeto, resultando em 30 inscritos, sendo a maior parte destes calouros. Durante essa edição foram realizados cursos de Google Earth Engine, de QGIS e duas palestras, uma delas sobre Arborização Urbana e a outra sobre Legislação Florestal.

Figura 7: Curso de Google Earth Engine



Fonte: Acervo dos Autores

Figura 8: Palestra sobre Legislação



Fonte: Acervo dos Autores

Desde o momento de sua criação em 2020 até 2023, o Jovem Padawan alcançou cerca de 159 discentes de forma direta em sua realização, dentro da Universidade Federal Rural da Amazônia, ofertando mais de 10 cursos de curta duração e cerca de 10 palestras de forma totalmente gratuita. Além das programações nas semanas do calouro que alcançam aproximadamente 50 pessoas a cada ano.

A partir de todas as informações citadas, é possível compreender que o projeto vem cumprindo com seu objetivo, promovendo cursos e palestras com conteúdos inerentes ao cotidiano da Engenharia Florestal, possibilitando que os discentes compreendam todas as vertentes do curso e, como consequência, espera-se que com isso



tenha reduzido as taxas de evasão durante a pandemia.

No entanto, a falta de dados dos acompanhamentos dos participantes no período pandêmico limita a conclusão de que realmente o projeto tenha reduzido as taxas de evasão. Provavelmente, devido à dispersão dos integrantes do grupo na época, não foi possível obter tais informações.

Foi observado também a falta de frequência nas atividades do projeto, no que tange à quantidade e qualidade das programações. Isso provavelmente ocorreu durante esses anos devido à troca de gestões dentro do grupo PET Florestal que influenciou negativamente na organização e produção do projeto.

Ademais, é necessário levar em consideração também, que após o período pandêmico, com a volta das aulas presenciais, muitas pessoas podem ter perdido o interesse pelas atividades remotas, e, dessa forma, visualizando que a maioria das programações do projeto são realizadas nesta modalidade, explicaria a redução na quantidade de inscritos com o passar dos anos.

Conclusão

Conclui-se, portanto, que o projeto Jovem Padawan desempenhou um papel crucial no suporte aos novos estudantes do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal Rural da Amazônia, especialmente durante o complicado período da pandemia de COVID-19. Por meio de suas diversas edições, o projeto ofereceu uma gama de cursos e palestras com conteúdos diretamente relacionados à formação acadêmica e profissional dos alunos, facilitando uma melhor compreensão das várias áreas da Engenharia Florestal e aproximando os estudantes do mercado de trabalho.

Embora o projeto tenha alcançado um número considerável de discentes e contribuído para o desenvolvimento acadêmico de muitos, a falta de dados precisos sobre a evasão durante a pandemia limita a avaliação direta de seu impacto nas taxas de abandono da graduação. Outro fator a ser considerado é a variação na adesão ao projeto ao longo dos anos, possivelmente influenciada pela transição para as atividades presenciais após o período pandêmico, que pode ter gerado uma diminuição no interesse por atividades remotas. Com isso, o projeto conseguiu mitigar alguns dos impactos negativos da pandemia nos calouros ao fornecer um ambiente de aprendizagem e apoio.



REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, R. N. Pandemia, isolamento social e colapso global. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 19, n. 221, p. 168-178, 28 mar. 2020.

RAPOSO, Letícia Martins et al. Uma metodologia para constituir redes de apoio aos universitários em risco de evasão durante a pandemia da Covid-19. Rio de Janeiro: **Research, Society and Development**, v. 11, n. 3, p. e11411326446, 2022.



UMA PROPOSTA DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PROJETO DE EXTENSÃO “BIO NA PRAÇA” EM UM BAIRRO NA CIDADE DE BELÉM-PA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

A proposal for Scientific Dissemination of the extension project “Bio na Praça” in a neighborhood in the city of Belém-PA: an experience report

Héria Martina Costa NEVES¹

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Adrielly da Costa de LIMA²

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Brenda Borges LINS³

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Adrielly Pinheiro LIRA⁴

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Luiz Carlos Santana da SILVA⁵

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: Objetivou-se a partir do Projeto “Bio na praça”, promover a sensibilização na comunidade local sobre a biodiversidade da Amazônia, informando ao público sobre a complexidade e diversidade das espécies que compõem a fauna regional, além de evidenciar a importância ecológica e funcional de cada uma dessas espécies na manutenção do equilíbrio dos ecossistemas amazônicos e para a comunidade amazônica. Para o ano 2024, o projeto trouxe como tema “Guardiões do Planeta: O Papel Essencial dos Animais”. Utilizou-se para este relato de experiência uma metodologia descritiva na abordagem qualitativa. A ação extensionista faz

¹ Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas; Bolsista PET Biologia; Universidade Federal do Pará. E-mail: heriamartina15@gmail.com

² Graduando em Licenciatura em Ciências Biológicas; Bolsista PET Biologia; Universidade Federal do Pará. E-mail: adrielly.lima@icb.ufpa.br

³ Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas; Bolsista PET Biologia; Universidade Federal do Pará. E-mail: brendaufpa01@gmail.com

⁴ Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas; Bolsista PET Biologia; Universidade Federal do Pará. E-mail: adriellylira1@gmail.com

⁵ Tutor do PET Biologia UFPA; Universidade Federal do Pará. E-mail: Lcsantana-pa@hotmail.com



parte do Programa de Educação e Tutoria do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará, tendo como locus a Praça São Domingos de Gusmão na cidade de Belém, no estado do Pará. A exposição evidenciou que as iniciativas de extensão como o Projeto "Bio na Praça" têm grande valor para a comunidade externa à universidade, pois possibilitam uma aproximação com o conhecimento gerado na academia. Devido à relevância de informar e sensibilizar a população sobre a biodiversidade amazônica, é importante ampliar a realização de eventos como o "Bio na Praça" em diferentes locais. Essa expansão permite alcançar um público maior, promovendo a troca de experiências, disseminação de conhecimento e uma divulgação científica mais abrangente sobre o tema abordado.

PALAVRAS-CHAVE: Biodiversidade; Ecossistema; Fauna Amazônica.

ABSTRACT: The objective of the project "Bio na Praça" was to promote awareness in the local community about the biodiversity of the Amazon, informing the public about the complexity and diversity of the species that make up the regional fauna, in addition to highlighting the ecological and functional importance of each of these species in maintaining the balance of the Amazon ecosystems and for the Amazonian community. For the year 2024, the project brought as its theme "Guardians of the Planet: The Essential Role of Animals". A descriptive methodology in the qualitative approach was used for this experience report. The extensionist action is part of the Education and Tutoring Program of the Biological Sciences course of the Federal University of Pará, with São Domingos de Gusmão Square as its locus in the city of Belém, in the state of Pará. The exhibition showed that extension initiatives such as the "Bio na Praça" Project have great value for the community outside the university, as they enable an approach to the knowledge generated in the academy. Due to the relevance of informing and sensitizing the population about Amazonian biodiversity, it is important to expand the realization of events such as "Bio na Praça" in different locations. This expansion allows you to reach a larger audience, promoting the exchange of experiences, dissemination of knowledge and a more comprehensive scientific dissemination on the topic addressed.

KEYWORDS: Biodiversity, ecosystem, Amazonian fauna.

Introdução

O projeto "Bio na Praça", organizado pelos alunos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Pará (UFPA), integrantes do Programa de Educação Tutorial (PET) em Biologia. Com o tema "Guardiões do Planeta: O Papel Essencial dos Animais", o "Bio na Praça" foi realizado em espaço amplo e teve como proposta sensibilizar a comunidade sobre a importância dos animais no equilíbrio ecológico.

Para enriquecer a exposição, foram levados exemplares de animais taxidermizados, proporcionando uma experiência educativa tangível e envolvente. Esse tipo de abordagem, segundo Barbosa e Lima (2021), é eficaz na promoção de uma aprendizagem ativa e no desenvolvimento de atitudes favoráveis à conservação



ambiental, pois facilita a conexão entre o público e a realidade biológica de cada espécie.

O PET Biologia UFPA proporcionou ao público a oportunidade de conhecer mais sobre o papel ecológico desempenhado por cada espécie e sobre a história de cada exemplar exposto, destacando a importância da preservação ambiental e da biodiversidade para a saúde dos ecossistemas.

1. Objetivos

O “Bio na Praça” teve como objetivo, promover a sensibilização na comunidade local sobre a biodiversidade da Amazônia, informando ao público sobre a complexidade e diversidade das espécies que compõem a fauna regional, além de evidenciar a importância ecológica e funcional de cada uma dessas espécies na manutenção do equilíbrio dos ecossistemas amazônicos e para a comunidade amazônica.

2. Metodologia

O evento "Bio na Praça" ocorreu no dia 17 de agosto de 2024, tendo como tema da exposição "Guardiões do Planeta: O Papel Essencial dos Animais" na Praça São Domingos de Gusmão — esse local foi escolhido devido ao grande fluxo de pessoas que transita perto e pela praça, visto que fica próximo a feira principal da Terra-Firme, com a presença de comércio e vendas na rua ao lado da praça, além disso dentro da praça ocorre vendas de diversos materiais, como: roupas, eletrodomésticos, entre outros (Figura 1).

Figura 1 – Localização da Praça São Domingos Gusmão, Terra-Firme, Belém-Pará.



Fonte: Acervo dos autores

Para realizar a ação no local, foi necessário solicitar a assinatura do ofício ao pároco da Paróquia São Domingos de Gusmão. Após a liberação do ambiente, o “Bio na



Praça” foi sendo divulgado no instagram do PET Biologia UFPA (@petbiologiaufpa), bem como a distribuição de cartazes nas escolas que ficam próximas do local.

Para a exposição, foram utilizados materiais do acervo didático do Laboratório de Ecologia e Zoologia de Vertebrados (ConViva LABEV), do Instituto de Ciências Biológicas. No qual, por meio de um ofício foi solicitado exemplares taxidermizados de animais amazônicos, como: aves; preguiça; macacos e dentre outros, e de espécimes conservados em álcool – peixes, sapos, lagartos, entre outros.

Dias antes do evento, os integrantes se reuniram na sala do PET para fazer a confecção de maquetes para destacar a diversidade e a fragilidade dessas espécies diante de perturbações antrópicas, bem como confeccionar materiais de decoração, como por exemplo, fichas com os nomes populares das aves.

No dia da ocasião, os materiais foram transportados de carro até a praça, e os integrantes do PET Biologia UFPA ficaram presentes no local durante o período matutino compartilhando informações sobre as espécies expostas para os visitantes que se aproximavam.

3. Resultados e discussões

Durante a exposição foi alcançado diversas faixas etárias, como: crianças, jovens, adultos e idosos. Os grupos dos adultos e idosos foram os que mais participaram e interagiram com a exposição e os expositores, o que surpreendeu a equipe do projeto, pois era esperado muitas crianças na exposição. Isso ocorreu porque a praça é um local com um grande fluxo de pessoas e muitos comerciantes trabalham nela durante a manhã (Figura 2).

Figura 2 – Visitantes na exposição do projeto “Bio na Praça” na Praça São Domingos de Gusmão.



Fonte: Acervo dos autores

E a divulgação científica deve-se alcançar a população nas praças públicas e nas ruas, e não ficar retido dentro do espaço acadêmico (SAITO et al., 2012), já a maioria



dos pessoas acabam não visitando espaços centros e museus de ciências por falta de informações e/ou condições socioeconômicas.

Promover o compartilhamento do conhecimento científico com os mais diversos grupos sociais, convertendo-o e respeitando as particularidades e o universo de cada indivíduo (SAITO et al., 2012). Nesse contexto, além de contribuírem numa ação cidadã, os projetos de extensão, como o “Bio na Praça”, permitem preparar profissionalmente os acadêmicos para moldar sua linguagem e termos biológicos complexos para uma linguagem acessível e fácil compreensão para variados públicos, uma experiência e um saber adquirido que irá auxiliar positivamente os acadêmicos envolvidos.

E no decorrer da exposição, as pessoas chegavam com muita curiosidade às mesas por conta dos animais taxidermizados e perguntas, como: “Eles são de verdade?”, “Eles estão mortos?” e “Vocês estão vendendo é?” foram muito comuns durante a apresentação. Algumas pessoas nunca tinham visto determinados animais e ficaram atentas quando foi abordado sobre eles. E a extensão universitária, possui esse potencial de interação que deve existir entre a universidade e a comunidade na qual ela está inserida (Nunes; Da Cruz Silva, 2011), pois aproxima os indivíduos das produções da universidade e do que ele tem a oferecer e contribuir para a sociedade, e dessa forma dando acesso democrático para a população dos saberes acadêmicos.

Nesse sentido, ações em praças, como este projeto, possibilitam diálogos e a transmissão de informações ao longo das apresentações, abordando temáticas relevantes, curiosidades sobre os animais expostos e sua importância para o ecossistema (Santos, 2020). Visto que, algumas pessoas compartilharam vivências e conhecimentos acerca dos animais que tiveram contato ao longo da vida, enriquecendo o evento com histórias envolventes e significativas. Já que cada pessoa tem seus saberes e repertórios que somam nessa troca de conhecimento, característica essa, que deve ser sempre instigada em projetos de extensão. Visto que as exposições vão adquirir um caráter educativo, buscando integrar ações de ensino, pesquisa e extensão visando uma diálogo de saberes acadêmicos, em suas diversas áreas, com os saberes populares, sem sobreposição de um sobre o outro (DA SILVEIRA et al., 2020).

Além disso, as características do local (ALMEIDA; Bicudo; BORGES, 2004) somado à temática abordada e as metodologias usadas contribuíram para uma visita



intensa e muitas trocas de conhecimento durante a exposição. O projeto confirmou aos acadêmicos ministrantes da exposição a importância de ações em espaços públicos e quando bem aplicado resulta em uma rica troca de experiências e conhecimento (VAINI et al., 2013).

Conclusão

A exposição mostrou que ações de extensão como o “Bio na Praça” são importantes para a comunidade externa da universidade, pois permite um contato mais próximo com o que é produzido na academia. Considerando, a importância da abordagem e a sensibilização da população sobre a biodiversidade amazônica, faz-se necessário a promoção de mais exposições e/ou eventos do “Bio na Praça” em outros locais, o que resulta em um alcance maior de pessoas, novas trocas de experiências e de conhecimento e uma maior divulgação científica sobre a temática trabalhada.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L. F. R.; BICUDO, L. R. H.; BORGES, G. L. A. Educação ambiental em praça pública: relato de experiência com oficinas pedagógicas. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 10, p. 121-132, 2004.
- DE CARVALHO, W. M.; MOTA, E. F. C. Relato De Experiência Sobre Tabuleiro Pinos Coloridos Aplicado No Evento “Matemática Nas Praças”. **Ciclo Revista: Vivências em Ensino e Formação (ISSN 2526-8082)**, 2018.
- NUNES, A. L. P. F.; DA CRUZ SILVA, M. B. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-estar e Sociedade**, v. 4, n. 7, p. 119-133, 2011.
- SANTOS, L. E. S. et al. Vivências do projeto de extensão" UFPE na praça" com homens idosos: relato de experiência. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 9, p. e4280-e4280, 2020.
- VAINI, J. O. et al. Aulas práticas de biologia celular para alunos do ensino médio da rede pública de ensino na cidade de dourados-ms: um relato de experiência. **Horizontes-Revista de Educação ISSN 2318-1540**, v. 1, n. 1, p. 145-152, 2013.
- SAITO, C. H. et al. Popularizando o Probio: educação ambiental na praça e na escola. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 7, n. 2, p. 83-95, 2012.
- DA SILVEIRA, P. S. et al. Feira Eco Arte na Praça: trabalho, cultura e educação ambiental. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.



XI NORTEPET: PARTICULARIDADES DO PLANEJAMENTO E DA EXECUÇÃO DO EVENTO

XI NORTEPET: Particularities of the event planning and execution

Júlia Paiva da SILVA¹

Universidade Federal do Pará (UFPA)

André Gustavo Almeida NEVES²

Universidade Federal do Pará (UFPA)

João Santos NAHUM³

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Marcos Ferreira BRABO⁴

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: O XI Encontro dos Grupos PET da Região Norte (NORTEPET) foi organizado pelos PET Geografia e PET Engenharia de Pesca da Universidade Federal do Pará (UFPA) e pelo PET Economia da Universidade de Rondônia (UNIR), tendo ocorrido de forma online via Google Meet, nos dias 16 e 17 de outubro de 2024. O objetivo deste relato de experiência foi apresentar as particularidades do planejamento e da execução do evento. Foram consultados os encaminhamentos das reuniões de planejamento, as informações disponibilizadas no site e analisados os relatos dos coordenadores das distintas salas que integraram a programação. O início do planejamento se deu em 17 de julho de 2024 e consistiu na criação de um grupo em um aplicativo de mensagens instantâneas para agendamento de reuniões e discussões sobre aspectos gerais, assim como um site para divulgação, realização de inscrições e emissão dos certificados. A temática do XI NORTEPET foi “Programa de Educação Tutorial: um instrumento de integração dos conhecimentos na Amazônia” e sua execução se deu com a realização de uma mesa de abertura, uma conferência de abertura, um grupo de discussão docente, um grupo de discussão discente, a apresentação de 20 trabalhos, uma assembleia geral e uma palestra de encerramento. O XI NORTEPET estabeleceu o encaminhamento de oito demandas regionais ao XXIX Encontro Nacional dos Grupos PET (ENAPET), concebidas a partir de uma valiosa troca de experiências entre os participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino, Evento, Extensão, Pesquisa, Programa de Educação Tutorial.

¹ Graduanda em Engenharia de Pesca; Bolsista do PET - Engenharia de pesca; Universidade Federal do Pará. E-mail: julia92paiva@gmail.com

² Graduando em Geografia; Bolsista do PET - Geografia; Universidade Federal do Pará. E-mail: andregustav58@gmail.com

³ Doutor; Tutor do PET - Geografia; Universidade Federal do Pará. E-mail: joaonahum@ufpa.br

⁴ Doutor; Tutor do PET - Engenharia de Pesca; Universidade Federal do Pará. E-mail: marcos.brabo@hotmail.com



ABSTRACT: The 11th Meeting of PET Groups of the Northern Region (NORTEPET) was organized by the PET Geography and PET Fisheries Engineering of the Federal University of Pará (UFPA) and by the PET Economics of the University of Rondônia (UNIR), and took place online via Google Meet, on October 16 and 17, 2024. The objective of this experience report was to present the particularities of the planning and execution of the event. The guidelines of the planning meetings and the information made available on the website were consulted, and the reports of the coordinators of the different rooms that were part of the program were analyzed. The planning began on July 17, 2024 and consisted of the creation of a group in an instant messaging application to schedule meetings and discussions on general aspects, as well as a website for dissemination, registration, and issuance of certificates. The theme of the XI NORTEPET was “Tutorial Education Program: an instrument for integrating knowledge in the Amazon” and its execution took place with the holding of an opening panel, an opening conference, a teaching discussion group, a student discussion group, the presentation of 20 papers, a general assembly and a closing lecture. The XI NORTEPET established the submission of eight regional demands to the XXIX National Meeting of PET Groups (ENAPET), conceived from a valuable exchange of experiences among the participants.

KEYWORDS: Teaching Event; Extension; Research; Tutorial Education Program.

Introdução

Os grupos que integram o Programa de Educação Tutorial (PET) realizam anualmente o Encontro Nacional dos Grupos PET (ENAPET), onde são debatidas proposições para aperfeiçoamento dos programas efetuadas no âmbito dos encontros regionais: o Encontro dos Grupos PET da Região Sul (SULPET), o Encontro dos Grupos PET da Região Sudeste (SUDESTEPET), o Encontro dos Grupos PET da Região Centro-Oeste (ECOPET), o Encontro Nordestino dos Grupos PET (ENEPET) e o Encontro dos Grupos PET da Região Norte (NORTEPET).

O NORTEPET é realizado desde 2014, com as seguintes instituições ficando responsáveis pela organização: Universidade Federal Rural da Amazônia (2014), Universidade Federal do Amazonas (2015 e 2016), Universidade Federal do Pará (2017 e 2018), Universidade Federal do Acre (2019 e 2023), Universidade Federal de Rondônia (2020), Universidade Federal de Roraima (2021) e Universidade Federal do Tocantins e Universidade Federal do Norte do Tocantins (2023). O XI NORTEPET foi organizado pelos PET Geografia e PET Engenharia de Pesca da Universidade Federal do Pará (UFPA) e pelo PET Economia da Universidade de Rondônia (UNIR), tendo ocorrido de forma online via Google Meet, nos dias 16 e 17 de outubro de 2024.

No início do planejamento do evento foi evidenciado que a relevante atuação do PET nos processos de mitigação da retenção e da evasão, de inclusão e de busca pela excelência nas formações acadêmico-profissional e cidadã nos cursos de graduação,



requer um contínuo diálogo entre os grupos que integram a iniciativa, visando viabilizar trocas de experiências capazes de potencializar as atividades de ensino, pesquisa e extensão, bem como aperfeiçoar o gerenciamento de recursos humanos, infra estruturais e financeiros. Logo, o NORTEPET representa uma oportunidade ímpar de interação para tutores, interlocutores, gestores, bolsistas e não bolsistas.

1. Objetivo

O objetivo deste relato de experiência foi apresentar as particularidades do planejamento e da execução do XI NORTEPET.

2. Metodologia

Entre outubro e novembro de 2024, foram consultados os encaminhamentos das reuniões de planejamento, as informações disponibilizadas no site e analisados os relatos dos coordenadores das distintas salas que integraram a programação.

3. Resultados e discussões

O início do planejamento se deu em 17 de julho de 2024 e consistiu na criação de um grupo em um aplicativo de mensagens instantâneas para agendamento de reuniões e discussões sobre aspectos gerais, assim como um site para divulgação, realização de inscrições e emissão dos certificados. Não houve custos diretos para os grupos com comunicação, marketing ou criação e hospedagem do site.

A temática do XI NORTEPET foi “Programa de Educação Tutorial: um instrumento de integração dos conhecimentos na Amazônia” e sua execução se deu com a realização de uma mesa de abertura, uma conferência de abertura, um grupo de discussão docente, um grupo de discussão discente, a apresentação de 20 trabalhos, uma assembleia geral e uma palestra de encerramento.

As inscrições foram gratuitas e os trabalhos foram submetidos na forma de resumo expandido com três a cinco páginas, sendo submetidos a avaliação por uma comissão de revisores especializados. As áreas temáticas abrangidas no evento foram:



Ciências Agrárias; Ciências Biológicas e Ciências da Saúde; Ciências Exatas e da Terra; Engenharias e Tecnologias; Ciências Sociais Aplicadas e Humanas; Meio Ambiente; Linguística, Letras, Artes e Educação; e interdisciplinar.

A programação teve início no dia 16 de outubro de 2024, com a mesa de abertura composta por um tutor de cada estado da região Norte. Em seguida, realizou-se a conferência de abertura com a Professora Cristiane Guiselini Pandorfi, Vice Presidente da Comissão Executiva Nacional do Programa de Educação Tutorial (CENAPET), com a seguinte temática: Presente, passado e futuro do Programa de Educação Tutorial. No período da tarde, ocorreram os grupos de discussão docente e discente, onde foram levantadas um total de oito propostas para serem votadas na assembleia geral de deliberação.

No segundo dia de evento, ocorreu a apresentação dos trabalhos pela manhã, em quatro salas virtuais com cinco trabalhos cada. A primeira sala contemplou o eixo temático “Ciências Sociais Aplicadas e Humanas”, a segunda ficou com “Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e tecnologias”, a terceira com “Ciências Agrárias, Linguísticas, Letras, Artes e Educação” e a quarta sala com “Meio Ambiente, Ciências Biológicas e Ciências da Saúde”.

No período da tarde do dia 17 de outubro foi realizada a assembleia geral de deliberações, onde as oito propostas dos grupos de discussão foram aprovadas. Por fim, o Professor João Santos Nahum, Tutor do PET Geografia da UFPA proferiu a palestra de encerramento.

Conclusão

O XI NORTEPET estabeleceu o encaminhamento de oito demandas regionais ao XXIX Encontro Nacional dos Grupos PET (ENAPET), concebidas a partir de uma valiosa troca de experiências entre os participantes. A participação de discentes e professores/tutores qualificou os debates feitos no decorrer do evento, fortalecendo cada grupo, as instituições e o PET, além de ter representado uma demonstração de compromisso com o programa, com a educação pública e com a sociedade.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Portaria n. 976, de 27 de Julho de 2010. Diário Oficial da União, Brasília, DF: MEC, 2010. Seção 1, página 103/104.

MARTIN, MGMB. **O Programa de Educação Tutorial: formação ampla na graduação. 2005. 108 f.** 2005. Tese de Mestrado. Dissertação), Mestrado em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

MÜLLER, Angélica. **Qualidade no ensino superior: a luta em defesa do Programa Especial de Treinamento.** Garamond, 2003.

NEVES, Marcos César Danhoni; HIDALGO, Mirian M. **Reinventando a graduação—Os grupos do Programa de Educação Tutorial (PET) da UEM.** Maringá: Massoni, 2005.

ROSIN, S. M.; GONÇALVES, A. C. A.; HIDALGO, M. M. Programa de Educação Tutorial: Lutas e Conquistas. **Revista ComInG - Communications and Innovations Gazette**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 70–79, 2017. DOI: 10.5902/2448190424495. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/coming/article/view/24495>. Acesso em: 19 jun. 2025.



PROJETO DE EXTENSÃO “MELHOR IDADE: ENVELHECENDO COM SAÚDE”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A AÇÃO DE OSTEOARTRITE

*Extension project “better age: aging with health”: an experience report on
osteoarthritis action*

Bruna Machado GOMES¹

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Renilson Castro de BARROS²

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Laís Gabrielly Abreu dos SANTOS³

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Mari Fani DOLABELA⁴

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Maria Elisa Costa de OLIVEIRA⁵

Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO: A osteoartrite (OA) é uma doença crônico-degenerativa das articulações, afeta cerca de 16% da população brasileira. Ela é mais comum em pessoas acima de 50 anos, especialmente mulheres. Os fatores de risco relacionados incluem a idade, predisposição genética e falta de exercícios. O tratamento recomendado envolve exercícios físicos, educação do paciente e terapias não medicamentosas. O projeto “Melhor Idade” da UFPA busca conscientizar idosos sobre a OA e promover práticas saudáveis para sua gestão, incentivando um envelhecimento saudável. Este trabalho é um relato de experiência qualitativa, que descreve a vivência de estudantes de farmácia ao realizar uma atividade educativa sobre osteoartrite com idosos. A ação foi parte do projeto de extensão “Melhor Idade: Envelhecendo com Saúde”, da Universidade Federal do Pará. A atividade, realizada em setembro de 2024 no UNITERCI, envolveu 12 participantes, majoritariamente mulheres, e incluiu distribuição de folders, palestras com

¹ Grupo PET-Farmácia; Universidade Federal do Pará. E-mail: bruna.machado.gomes@ics.ufpa.br

² Pós-Graduando em Ciências Farmacêuticas (PPGCF); Bolsista FAPESPA/CAPES; Universidade Federal do Pará. E-mail: renilsonbarros098@gmail.com

³ Grupo PET-Farmácia; Universidade Federal do Pará. E-mail: laisgabriellyas@gmail.com

⁴ Doutora em Ciências Farmacêuticas; Tutora do PET-Farmácia; Universidade Federal do Pará. E-mail: fanidolabela20@gmail.com

⁵ Grupo PET-Farmácia; Universidade Federal do Pará. E-mail: maria.costa.oliveira@ics.ufpa.



slides e uma dinâmica interativa de quiz. Foi aplicado um questionário com informações demográficas e feedback sobre a palestra, visando esclarecer dúvidas. Durante a explicação sobre osteoartrite, o público, demonstrou grande interesse, com trocas de experiências. Houve confusões entre osteoartrite e osteoporose, evidenciando a importância da educação. A dinâmica “verdadeiro ou falso” facilitou o aprendizado e a interação. A maioria dos participantes, com ensino médio ou fundamental incompleto, relatou praticar atividades físicas e consumir alimentação saudável. O feedback positivo confirmou a eficácia da palestra em promover conscientização sobre doenças crônicas, reforçando a importância de iniciativas de educação em saúde para populações vulneráveis.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Doença; Tratamento.

ABSTRACT: Osteoarthritis (OA) is a chronic-degenerative joint disease that affects around 16% of the Brazilian population. It is more common in people over 50 years old, particularly women. Risk factors include age, genetic predisposition, and lack of exercise. Recommended treatment involves physical exercises, patient education, and non-drug therapies. The "Better Age" project by UFPA aims to raise awareness among the elderly about OA and promote healthy practices for its management, encouraging healthy aging. This work is a qualitative experience report describing the experience of pharmacy students conducting an educational activity about osteoarthritis with elderly individuals. The activity was part of the extension project "Better Age: Aging with Health," from the Federal University of Pará. Held in September 2024 at UNITERCI, the activity involved 12 participants, mostly women, and included leaflet distribution, a slide presentation, and an interactive quiz. A questionnaire with demographic information and feedback about the lecture was applied to address any doubts. During the discussion on osteoarthritis, participants showed significant interest and shared their experiences. Confusion between osteoarthritis and osteoporosis highlighted the importance of education. The “true or false” activity facilitated learning and interaction. Most participants, with incomplete primary or secondary education, reported practicing physical activities and maintaining a healthy diet. Positive feedback confirmed the effectiveness of the lecture in promoting awareness about chronic diseases, reinforcing the importance of health education initiatives for vulnerable populations.

KEYWORDS: Education; Disease; Treatment.

Introdução

A osteoartrite (OA) é uma doença crônico-degenerativa das articulações, caracterizada por processos inflamatórios mediados por condrócitos e sinoviócitos. Sua origem é multifatorial, envolvendo alterações no alinhamento osteomuscular e articular, o que resulta em instabilidade nas articulações. Além disso, indivíduos com OA apresentam níveis elevados de citocinas inflamatórias tanto no soro quanto no líquido sinovial, em comparação com pessoas não afetadas pela condição (Sohn, 2012; Duarte, 2013; Jorge, 2018).

Com o avanço da idade, o corpo humano passa por mudanças fisiológicas que afetam diversos sistemas, especialmente o sistema musculoesquelético. Isso resulta em limitações físicas devido à diminuição da densidade óssea e da massa muscular, além de



enrijecimento dos tendões e ligamentos. A viscosidade do líquido sinovial também aumenta, o que prejudica a mobilidade. Esses fatores reduzem a capacidade funcional do idoso, comprometendo sua habilidade de realizar atividades cotidianas, tanto básicas quanto mais complexas, e de participar ativamente da vida familiar e social. Diante desse cenário, torna-se crucial promover atividades de educação em saúde para esse público, com o objetivo de incentivar um envelhecimento saudável (Da Silva, 2017). Desta forma, o presente estudo tem como objetivo relatar a experiência de estudantes da área de saúde do grupo PET-FARMÁCIA para a realização do projeto de extensão “Melhor Idade” sobre osteoartrite em um grupo de idosos da UNITERCI, vinculada à Universidade Federal do Pará (UFPA).

1. Objetivos

Descrever a vivência de um grupo de acadêmicos de farmácia ao desenvolver uma atividade educativa sobre osteoartrite para um grupo de idosos.

2. Metodologia

O presente trabalho utiliza uma abordagem qualitativa e de caráter descritivo, do tipo relato de experiência, a pesquisa possui autorização do comitê de ética, nº 69813223.9.0000.0018. A abordagem qualitativa busca a participação ativa do pesquisador na compreensão e interpretação dos fenômenos sociais, levando em consideração tanto o indivíduo quanto o contexto em que ele está inserido. Isso envolve a análise da condição social do sujeito, seu pertencimento a grupos ou classes específicas, e a valorização de seus valores e crenças (Minayo, 2004).

As atividades educativas foram realizadas por meio do projeto de extensão intitulado “Melhor idade: Envelhecendo com Saúde”, vinculado à Universidade Federal do Pará, em Belém-PA. O planejamento e a ação foram supervisionados pela docente coordenadora do PET-Farmácia que auxiliou na organização e no esclarecimento das dúvidas. A ação sobre a osteoartrite aconteceu no Programa de Extensão Universidade da Pessoa Idosa (UNITERCI) no mês de setembro de 2024 com duração de aproximadamente 1 hora durante o turno da manhã, contou com 12 participantes sendo 10 mulheres e 2 homens entre as idades 64 a 77 anos.

A primeira etapa contou com a distribuição dos folders onde os tópicos foram:



“O que é Osteoartrite?”, “Sintomas”, “Diagnóstico”, “Fatores de Risco”, “Causas”, “Tratamentos” e “Como prevenir?”, posteriormente foi realizada a palestra por intermédio de slides de forma objetiva e concisa acerca da osteoartrite. Em seguida houve uma dinâmica em forma de quiz “verdadeiro ou falso” onde os participantes puderam interagir de forma lúdica com o conteúdo abordado e quem acertasse a pergunta corretamente ainda recebia um prêmio como palavras cruzadas e blocos de anotações. Por último foi passado os formulários, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As perguntas diziam a respeito da localidade, o nível de escolaridade, se possui plano de saúde, renda familiar, qual a frequência que a pessoa pratica atividades físicas, se utiliza algum medicamento contínuo, qual o padrão de alimentação, se faz algum uso de drogas ilícitas, álcool ou tabaco e por último se a palestra foi esclarecedora sobre a osteoartrite e como avaliaria o conhecimento adquirido.

3. Resultados e discussões

Durante toda a explicação sobre a Osteoartrite, notou-se grande interesse do público onde houve troca de conversas e compartilhamento de experiências, principalmente das mulheres que foram o público majoritário, e estão no meio dos fatores de risco dessa doença devido a deficiência estrogênica posterior a menopausa (Srikanth et al, 2005).

Foi notória a existência de muitas dúvidas em relação ao processo de envelhecimento, principalmente em relação às doenças crônicas degenerativas como a osteoartrite, onde alguns participantes confundiram com outras patologias que acometem o sistema muscuesquelético como a osteoporose, por isso é importante enfatizar a importância da Extensão Universitária com esse grupo etário por permitir ampliar a forma de conhecimento e cuidados necessários.

No momento da dinâmica, por conta da metodologia ativa de “verdadeiro ou falso”, pode-se colocar em prática métodos que facilitassem o processo de aprendizagem, a interação e comunicação entre todos os participantes do referido projeto. Para os “Petianos”, a ação foi de muito aprendizado pois contribuiu de forma acadêmica-profissional uma vez que foi possível exercer os valores humanos com empatia e respeito ao próximo.



Em relação aos resultados obtidos por meio dos formulários, a maioria dos participantes era residente em Belém, os níveis de escolaridade variaram entre os participantes, sendo predominante o ensino médio completo, seguido de fundamental incompleto. Este resultado evidencia ainda mais a importância de adaptar a linguagem e os métodos de aprendizagem para diferentes níveis de compreensão. A maioria dos participantes não tinha acesso a um plano de saúde, e metade dos participantes relatou uma renda familiar de até um salário-mínimo. A maioria relatou praticar algum tipo de atividade física frequentemente e alimentação a base de frutas, verduras e proteínas, o que é de extrema importância para a prevenção da osteoartrite e outras doenças que acometem as articulações. Grande parte faz uso de medicamentos contínuos, especialmente anti-hipertensivos e antidiabéticos. Além disso, outras medicações como cálcio e vitamina D, importantes na saúde óssea foram mencionados.

O feedback positivo quanto à palestra demonstra que atividades educativas como esta são eficazes para promover conhecimento e conscientização sobre doenças crônicas em populações idosas. A interação lúdica proporcionada pelo quiz também foi um ponto forte, contribuindo para a fixação do conteúdo de forma dinâmica e acessível. Esses resultados reforçam a importância de iniciativas que integrem educação em saúde como o da “Melhor Idade”, especialmente para grupos mais vulneráveis.

Conclusão

A atividade educativa sobre osteoartrite realizada no projeto de extensão "Melhor Idade: Envelhecendo com Saúde" demonstrou grande eficácia ao promover o entendimento da doença entre os idosos. O uso de métodos interativos, como quizzes, aumentou o discernimento e contribuiu para a troca de conhecimentos. Os dados coletados indicam que práticas de atividades físicas e uma alimentação adequada são fundamentais para o manejo da osteoartrite. A ação destacou a importância da adaptação de conteúdo para o público alvo, evidenciando seu impacto positivo na promoção da saúde.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Isabela Feitosa de et al. Uso da bandagem infrapatelar no desempenho físico e mobilidade funcional de idosas com história de quedas. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 18, n. 1, p. 119-127, 2015.



CUNHA-MIRANDA, Luís et al. Avaliação da magnitude da desvantagem da osteoartrite na vida das pessoas: estudo MOVES. **Revista Brasileira de Reumatologia**, v. 55, p. 22-30, 2015.

DA SILVA, Willames et al. Ações educativas vivenciadas com idosos: um relato de experiência. **Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança**, v. 15, n. 3, p. 31-36, 2017.

DE PAULA FALEIROS, Vicente. Cidadania e direitos da pessoa idosa. **Ser social**, n. 20, p. 35-62, 2007.

DUARTE, Vanderlane de Souza et al. Exercícios físicos e osteoartrose: uma revisão sistemática. **Fisioterapia em movimento**, v. 26, p. 193-202, 2013.

RODDY, E.; ZHANG, W.; DOHERTY, M. Aerobic walking or strengthening exercise for osteoarthritis of the knee? A systematic review. **Annals of the rheumatic diseases**, v. 64, n. 4, p. 544-548, 2005.

ROOS, Ewa M.; JUHL, Carsten Bogh. Osteoarthritis 2012 year in review: rehabilitation and outcomes. **Osteoarthritis and cartilage**, v. 20, n. 12, p. 1477-1483, 2012.

SRIKANTH, V. K. et al. A meta-analysis of sex differences prevalence, incidence and severity of osteoarthritis. **Osteoarthr. Cartil.**, London, v. 13, n. 9, p. 769-781, 2005.012.

SOHN, Dong Hyun et al. Plasma proteins present in osteoarthritic synovial fluid can stimulate cytokine production via Toll-like receptor 4. **Arthritis research & therapy**, v. 14, p. 1-13, 2012.

JORGE, Matheus Santos Gomes et al. Efeitos da cinesioterapia na osteoartrite de joelho em idosos: revisão sistemática. **ConScientiae Saúde**, v. 17, n. 1, p. 93-100, 2018.



RESENHA CRÍTICA DO ARTIGO “MEDIÇÃO DE LEITURA: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO CIRCUITO DE LEITURA: LENDO PARA SER FELIZ”

Fernanda Karoline da Silva da CONCEIÇÃO¹

Universidade Federal do Pará (UFPA)

ROSÁRIO, Maria José Aviz do. ROCHA, Taynan de Moraes. *Mediação de Leitura: A experiência do “Projeto Circuito de Leitura: Lendo para ser feliz”*. **Revista Conexões de Saberes**, vol. 4 (2), 2020. ISSN 2447-097X.

O artigo analisado apresenta uma reflexão aprofundada sobre o “Projeto Circuito de Leitura: Lendo para Ser Feliz”, dos autores Maria José Aviz do Rosário e Taynan. A iniciativa do Projeto foi criada em 1999 e institucionalizada em 2009 pelo Programa Conexões de Saberes da Universidade Federal do Pará (UFPA). A proposta central do projeto, segundo os autores, é democratizar o acesso à leitura e formar leitores críticos em comunidades populares, por meio da atuação de mediadores de leitura. Os autores partem de uma abordagem qualitativa, ancorada em revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas com os próprios mediadores envolvidos, dando consistência ao trabalho.

Um dos principais méritos do artigo está na defesa da leitura como prática emancipatória e transformadora. Referenciando-se em teóricos como Paulo Freire e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), os autores rompem com concepções tecnicistas, como a de Lemle (1987), e reafirma que ler é um ato político e contextual, ligado à experiência e à realidade do leitor. Essa perspectiva alinhada com uma pedagogia crítica que valoriza a leitura como instrumento de autonomia e cidadania.

¹ Graduanda em Letras-Língua Portuguesa; Bolsista de extensão do Programa Conexões de Saberes; Universidade Federal do Pará. E-mail: fkacademico2024@gmail.com



A estrutura do artigo é bem clara e dividida em cinco partes: Introdução, metodologia, análise dos dados e discussão teórica-prática, seguida das considerações finais. Tal organização favorece a compreensão do leitor e revela a preocupação dos autores em estabelecer um diálogo entre teoria e prática. Além disso, a inserção da própria experiência como mediador fortalece a análise, oferecendo uma dimensão vivencial que legitima e humaniza a pesquisa.

A discussão sobre o papel do mediador de leitura é particularmente relevante. Reconhecendo a escola e a família como espaços primordiais de contato com o livro, o texto enfatiza que, em comunidades marcadas pela exclusão social, a mediação é não apenas necessária, mas urgente. Os mediadores, sejam professores, familiares ou agentes comunitários, atuam como pontos entre o livro e o leitor, despertando o prazer pela leitura e promovendo vínculos afetivos e sociais.

Outro ponto de destaque é o detalhamento da metodologia formativa do projeto: oficinas, minicursos e atividades práticas em escolas públicas. A escolha dos livros, a ludicidade nas abordagens e a liberdade de expressão nos eventos de culminância demonstram um compromisso com a construção de uma prática pedagógica sensível às particularidades dos contextos atendidos. A presença de elementos como dramatizações, poemas e ilustrações no encerramento do ano letivo mostra o potencial da leitura como linguagem múltipla e viva.

Apesar de não problematizar em profundidade os limites e desafios do projeto, como a dependência de doações para o acervo ou a continuidade das ações em longo prazo, o artigo oferece uma contribuição importante ao campo da educação e da leitura. A análise dos questionários aplicados aos mediadores reforça a leitura como prática e resistência e transformação social, além de evidenciar o impacto do projeto na formação pessoal e acadêmica dos próprios mediadores.

O artigo consolida o Projeto Circuito de Leitura como uma proposta de educação libertadora, que rompe com a lógica excludente das políticas e amplia as fronteiras da escola e da universidade. Ao articular mediação de leitura com o compromisso social, os autores defendem com propriedades que ler é um direito, e mais que isso, uma ferramenta para construir uma sociedade mais justa, crítica e plural.